Agência Keystone

Bertolt Brecht

A Santa Joana dos Matadouros

Tradução e apresentação:
Roberto Schwarz.

Cosac & Naify.

Sobrecapa: detalhe de George Grosz, Café (1918).
©VG Bild-Kunst, Bonn, 2001.

Die Heilige Johanna der Schlachthöfe.
© Suhrkamp Verlag.
Tradução e apresentação:
© Roberto Schwarz.

Coleção Prosa do Mundo.
Coordenação: Samuel Titan Jr.
Conselho editorial: Augusto Massi e Davi Arrigucci Jr.
Tradução: Roberto Schwarz.
Preparação: Heitor Ferraz e Fabiana Werneck.
Revisão: Samuel Titan Jr.
Capa e projeto gráfico: Fábio Miguez.
Editoração eletrônica: Vanderlei Lopes Richarde.

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional).

Brecht, Bertolt.
Bertolt Brecht: A Santa Joana dos Matadouros.
Título original: *Die Heilige Johanna der Schlachthöfe.*
São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
Coleção Prosa do Mundo.
p. 216.
ISBN: 85-7503-098-1.
1. 2.
3. Brecht, Bertolt. CDD 832.

Todos os direitos adquiridos por:
Cosac & Naify Edições, 2001.
Rua General Jardim, 770, 2° andar.
São Paulo – SP.
Fone: 55 11 3218-1444.
Fax: 55 11 3257-8164.
info@cosacnaify.com.br.

Apresentação
O bate-boca das classes por Roberto Schwarz, 7

A santa Joana dos matadouros, 15

Apêndice
Panorama crítico, 197
Sugestões de leitura, 211

O bate-boca das classes por Roberto Schwarz[1]

Experimentalismo estético e Revolução Russa pertencem a um mesmo momento, de crise da ordem burguesa, por volta da Primeira Guerra Mundial. Quando, por exemplo, os dadaístas atacavam a obra de arte e a instituição artística, julgavam consumar uma liquidação histórica, assim como fazia Lênin, quando afirmava a atualidade da revolução, em decorrência das contradições da etapa imperialista. Sem fazer de Lênin um prócer dadá, nem esquecer que boa parte das inovações estéticas de nosso tempo veio de homens apolíticos ou reacionários, vale a pena insistir no parentesco: socialismo e vanguardismo viam como caducas as formas do mundo burguês e quiseram apressar o seu fim.

Por isso mesmo, espanta que não tenha sido maior a sua associação e, sobretudo, que no interior da esquerda tenha havido tanta hostilidade ao espírito experimental, a ponto de se formar um desencontro histórico. Este ainda não está devidamente analisado, e a sua explicação pelo "acidente stalinista" é insuficiente, já que o problema vinha de antes e não se solucionou depois.

Seja como for, entre os escritores que são a referência neste século foram poucos os que movimentaram uma cultura de esquerda mais desenvolvida, e pouquíssimos os que fizeram dela, mais que uma bandeira bem aceita, um fermento de inovação. Aqui sobressai a figura de Brecht, cuja inventiva artística – fenomenal, e sempre acintosa – se alimentava metodicamente do estudo e da experiência da luta de classes.

Nos palcos brasileiros, o Brecht que se tem visto é outro, de um período anterior, cujo cinismo anárquico veio a calhar com a exasperação e a desilusão políticas que tomaram conta do meio artístico nos anos do AI-5. Sem lhe desconhecer o valor, é certo que o Brecht verdadeiramente novo e decisivo é o da maturidade, que associou em grande escala a experimentação artística e a reflexão política, donde, aliás, o prestígio mundial e de certa forma extra-literário que se prendeu a seu nome. Contrariamente ao que é moda dizer, é ele o artista mais audacioso, complexo e diferente.

Hoje o ponto de vista dos trabalhadores volta a integrar – e perturbar, pela natureza das coisas – o nosso espectro político legal. Ora, como nenhum outro, o teatro de Brecht fixou as dissonâncias e contorções que transfiguram a cultura burguesa sempre que os explorados têm a palavra, a qual a seu modo e por sua vez é interesseira, contraditória, inautêntica, frustra etc., pois o autor não é populista. É certo que a Alemanha de Weimar não é o Brasil da abertura, mas este quadro, os esvaziamentos e as relativizações que ocasiona, está na ordem do dia entre nós.

A Santa Joana dos Matadouros (1929-31) é uma das grandes pecas do século. Na tradução que segue, quisemos divulgar timbres e modos de composição quase inexplorados na literatura brasileira.

O *assunto* é a crise do capitalismo, cujo ciclo de prosperidade, superprodução, desemprego, quebras e nova concentração do capital determina as estações do entrecho. As *personagens* são a massa trabalhadora, empregada ou desempregada, os magnatas da indústria da carne, os especuladores, e — disputando as consciências — os comunistas e uma variante do Exército da Salvação (os Boinas Pretas). Servem de *lugar* os matadouros de Chicago, o edifício da bolsa de valores e o quartel dos soldados de Deus. A linguagem, agressivamente artificial e heterogênea, força a promiscuidade de estilos verbais com repugnância recíproca. Ela é calcada, entre outros modelos, na realidade sangrenta e comercial dos matadouros; em momentos escolhidamente sublimes da lírica alemã (a dicção helenizante de Hölderlin e Goethe, o clima final do segundo Fausto, a interioridade exaltada do expressionismo); na terminologia da especulação financeira; na sobriedade trágica dos gregos; na retórica dos agitadores de porta de fábrica; na

[1] Esta nota acompanhou a publicação das primeiras cenas da peça em *Novos Estudos CEBRAP*, n° 4, 1982. O conjunto foi retomado em *Que Horas São*? (São Paulo: Companhia das Letras, 1987). Na presente tradução da peça de Brecht aproveitei sugestões de Gilda de Mello Souza, Modesto Carone,Vinícius Dantas e Boris Schnaiderman (N.T.).

Bíblia de Lutero; na miséria operária. O objeto da preocupação comum, enfim, é a paralisação ou retomada da produção de enlatados: greve geral e/ou presunto e salsichas.

Como este apanhado indica, o traço é redutor e caricato, e tem algo em comum com os desenhos de seu contemporâneo George Grosz. Trata-se do clima "chocante" e materialista do Naturalismo, menos a sua componente de fatalidade, substituída pela certeza escarninha da exploração econômica e da mistificação ideológica. Na visão revolucionária, orientada pela crítica ao capital, miséria e baixeza deixam de ser um destino, para se tornarem peças de acusação no bate-boca teórico entre as classes. Daí a substituição da caridade pela euforia intelectual e pelo sarcasmo. A combinação inesperada de brutalismo e gosto de explicar é um achado de Brecht e formaliza um aspecto real de posição de esquerda.

Entretanto, o realce da dimensão esquemática não tem efeito apenas polêmico. Ele faz que o antagonismo de classe apareça enquanto tal e em grande, na dimensão da sociedade inteira, e que esteja em jogo o seu ser-ou-não-ser; o que para uma literatura de intenção revolucionária é um efeito precioso. Note-se, aliás, que *generalidades* tais como o ciclo da crise capitalista, os assalariados da indústria da carne ou os açambarcadores – ditas antiartísticas, por excederem a esfera intuitiva e negarem a pessoa – são bem mais aceitáveis para um espírito esclarecido que os enquadramentos míticos ou as alegorizações com que os escritores de nosso tempo buscaram traduzir a dimensão coletiva ou remediar a irrelevância das anedotas individuais, que são o ponto de partida de todos. Neste sentido, o seu teor de abstração (que pareceu "formalismo" a Lukács) é um elemento realista e faz parte do intuito brechtiano de orquestrar a cena ideológica em sua amplitude e cacofonia reais. Emprestando a imaginação ao contraste entre as vozes da peça, verdadeiramente impressionante, e cuja força se deve a estas generalidades, o leitor ouvirá – esperamos – algo como a música da sociedade global. Seja dito de passagem que poucos anos depois Oswald de Andrade tentava coisa parecida no *Rei da vela* (1937).

Por serem assuntos "baixos", a exploração de classe e a carne enlatada são tratadas na *Santa Joana* em linguagem nobre, emprestada de Hölderlin e Goethe. O efeito de profanação é ostensivo e encarna, para ser breve, as objeções do materialismo ao idealismo e dos explorados à celebração do homem "em geral". Entretanto, note-se que a outra face da moeda é tão ou mais importante: eis aí, expressas com excelência, no verso mais armado da literatura alemã, a luta de classes e a fabricação de salsichas – o que, bem pesadas as coisas, é um avanço popular. A posição de Brecht diante da tradição é complexa. Nada mais avesso a seu espírito que abrir mão de conquistas intelectuais ou técnicas, o que vale a pena lembrar, por ser contrário ao populismo em arte.

Para ter idéia da maestria e da clareza estudada com que Brecht transpõe situações da luta de classes, veja-se adiante a passagem brevíssima em que o desemprego invade as ruas por todos os lados. Como numa inundação a que não há como fugir, os desempregados pedem emprego a desempregados que lhes querem pedir emprego. Veja-se igualmente a concisão na fala dos 70 mil trabalhadores de Lennox & Co., que diante dos portões fechados da fábrica expressam a natureza contraditória de sua relação com o capital. Sem transição, encadeados pela lógica das coisas, os momentos se alinham como blocos: a revolta contra o salário insuficiente, a decisão de deixar um trabalho aviltante, a necessidade que obriga os trabalhadores a ficar, a reivindicação de condições melhores, a aceitação de condições piores, a familiaridade com os meios de produção, o desespero de não dispor deles, as súplicas que são ameaças, e, enfim, a asfixia operária em decorrência da competição intercapitalista. Último exemplo, vejam-se os belíssimos versos de Joana sobre o imediatismo dos pobres, em que as apreciações da classe dominante – sempre insultuosas – sobre a falta de espiritualidade

e visão dos miseráveis compõem um lamento paradoxal, que pode ser lido a contrapelo, como admissão de que no mundo operário se forma uma cultura voltada para a satisfação das necessidades reais do ser humano.

Para terminar, algumas observações sobre o verso usado na peça. De hábito, em literatura, a argumentação é tida como a menos artística das atividades. Entretanto, é nela que o verso de Brecht encontra os seus melhores efeitos, uma espécie de poesia da conduta inteligente (ou sublinhadamente inepta, como nos argumentos insustentáveis dos Boinas Pretas). O ritmo da dicção é submetido ao andamento argumentativo, que tem musicalidade específica, a qual vai primar também sobre a musicalidade da palavra. Ou melhor, esta é metodicamente desmanchada, para que ressalte a outra, mais vinculada à apreensão intelectual. Na condução do verso ocorre algo de mesma ordem, através da valorização complexa de sua pausa final, que é o resultado de um truque simples: Brecht não põe vírgula no fim da linha, o qual em conseqüência pode – mas não precisa – ter função de virgular, dúvida esta que obriga sempre a um intervalo. E se de fato a pausa frequentemente vírgula a fala, às vezes ela separa palavras que logicamente estariam juntas, ou, ainda, interrompe um raciocínio. A incerteza quanto à sua função cria algo como um suspense de final de verso, que se desfaz e refaz quase que linha a linha, e que é um elemento de desautomatização e de intelectualização da leitura. Não cabe aqui uma análise desenvolvida deste procedimento, de modo que baste uma de suas variantes. Como o leitor vai notar, é constante o recurso a um tipo especial de corte, em que o argumento que animará o verso seguinte começa pela última palavra do verso anterior, o qual fica ostensivamente inconcluso. Isto, que é um ritmo dos mais definidos, faz que a dimensão do raciocínio prevaleça sobre a disposição gráfica, mas enquanto efeito dela, sem anular a divisão em versos nem muito menos deslizar para a prosa. Assim, misturada à grita das situações e dos argumentos, corre também uma delicada música de variações e tensões, composta pelo deslocamento constante do lugar em que se cortam ou concluem os versos ou raciocínios, pendentes sempre uns dos outros.

A Santa Joana dos Matadouros

PERSONAGENS

Joana Dark, tenente dos Boinas Pretas.
Pedro Paulo Bocarra, em alemão Pierpont Mauler, [o Rei dos Frigoríficos.
Cridle, Graham, Lennox, Meyers, magnatas [da carne em conserva .
Slift, um corretor.
Dona Luckerniddle.
Gloomb, um trabalhador.
Paulus Snyder, major dos Boinas Pretas.
Marta, soldado dos Boinas Pretas.
Jackson, tenente dos Boinas Pretas.
Mulberry, um locatário.
Um servente.
Industriais da carne enlatada.
Atacadistas.
Criadores de gado.
Corretores.
Especuladores.
Boinas pretas.
Trabalhadores.
Dirigentes operários.
Os pobres.
Detetives.
Jornalistas.
Jornaleiros.
Soldados.
Passantes.

Colaboradores: H. Borchardt, E. Burri e E. Hauptmann.

I.

O REI DOS FRIGORÍFICOS PEDRO PAULO BOCARRA (MAULER) RECEBE UMA CARTA DE SEUS AMIGOS DE NOVA YORK

Nos matadouros de Chicago.

Bocarra *lendo uma carta*
"Tudo indica, querido Pedro Paulo, que o mercado de carne agora está bastante abarrotado. Acresce que as barreiras alfandegárias do Sul resistem ao nosso ataque. Parece aconselhável, portanto, caro Pedro Paulo, largar mão do comércio de carne." Esta dica de meus caros amigos de Nova York chegou hoje. Aí vem o meu sócio.

Ele esconde a carta.

Cridle
Por que tão sombrio, caro Pedro Paulo?

Bocarra
Lembra-te, Cridle, o dia
Em que percorrendo o matadouro – era noite –
Paramos ao pé da máquina de enlatar presunto?
Lembra-te, ó Cridle, aquele vitelo
Que virava o olho claro, grande e obtuso para o céu
Enquanto entrava na faca? Senti como se fosse carne [de minha carne.
Ai de nós, Cridle, como é sangrento o nosso comércio.

Cridle
Mais uma vez a tua velha fraqueza, Pedro Paulo?
É quase inverossímil. Você, o gigante dos enlatados

O rei dos matadouros que faz tremer os açougueiros deste país
Você se desfaz em compaixão por um bezerro loiro.
Peço-te que não traias tal fraqueza diante dos outros.

BOCARRA
Leal amigo Cridle!
Eu não devia ter ido ao matadouro!
Em sete anos que estou neste negócio não fui lá
Evitei. Mas agora que fui, é mais forte do que eu: hoje mesmo
Deixo este negócio sanguinário.
Fique você com ele, a minha parte eu te deixo a preço
Vil, e deixo de coração. Ninguém como você
É unha e carne com este negócio

CRIDLE
A preço vil, quanto?

BOCARRA
Entre velhos amigos não Cabe pechinchar muito. Digamos dez milhões.

CRIDLE
Não estaria caro se não fosse o Lennox
Que disputa conosco lata por lata de carne
Que nos estraga o mercado com preços baixos
Que nos liquida se não for liquidado.
Enquanto ele não cair, e só você pode derrubá-lo
Não aceito a tua proposta. Até lá
Usarás a tua privilegiada inteligência cheia de astúcias.

BOCARRA
Não, Cridle, os gemidos daquele vitelo
Não silenciam mais neste peito. É urgente
A destruição de Lennox, porque eu próprio
Desejo tornar-me um homem bom e já
Não quero ser um carniceiro. Vem, Cridle, vou
Te mostrar como se quebra o Lennox em pouco tempo.
Em seguida ficarás com minha parte neste comércio
[que me dói.

CRIDLE
Quando Lennox for abatido.

Os dois saem.

II.

a.
A QUEBRA DAS GRANDES INDÚSTRIAS DE CARNE

Diante das Indústrias Lennox.

OS TRABALHADORES
Somos setenta mil trabalhadores nas Indústrias
[de Carne Lennox
E não podemos viver nem mais um dia com este salário de fome
Que ontem, por cima, voltou a baixar.
Hoje, os provocadores madrugaram no portão:
Quem acha pouco o que Lennox paga
É só ir embora.
Pois bem, vamos todos embora e mandemos
À merda este salário que dia a dia é menor.
Silêncio.
Não é de hoje que este trabalho nos repugna
Que esta fábrica nos suplicia, e jamais
Não fosse a soma dos horrores da fria Chicago
Nós estaríamos aqui. Agora porém
Que doze horas de trabalho já não pagam
Um pão ou uma calça ordinária, agora
Mais vale ir embora já
E esticar as canelas hoje, em vez de amanha.
Silêncio.
Eles estão pensando o quê? Pensam
Que somos gado
Que aceitamos tudo? Nós
Somos trouxas? Antes morrer! Nós
Vamos embora daqui imediatamente.
Silêncio.
Já não são seis horas?
Por que não abrem os portões, seus exploradores? Aqui
Está o seu gado, seus carniceiros, abram!
Batem nos portões.
Será que esqueceram de nós?
Gargalhadas.
Abram! Nós
Queremos entrar em vossas
Arapucas e cozinhas imundas para
Preparar carne de restos
Para outras bocas mais endinheiradas.
Silêncio.
Exigimos no mínimo
O salário anterior, que já era insuficiente, no mínimo
A jornada de dez horas, no mínimo...

UM HOMEM *que passa*
O que estão esperando? Não sabem
Que Lennox fechou?

Jornaleiros cruzam o palco correndo.

OS JORNALEIROS
Fechadas as indústrias do rei da carne Lennox!
Setenta mil trabalhadores sem pão nem teto! Lennox vítima da implacável guerra de preços do rei da carne e da filantropia Pedro Paulo Bocarra.

OS TRABALHADORES
Ai de nós!
O próprio inferno
Nos fecha as suas portas!
Estamos perdidos. O sanguinário Bocarra
Aperta a garganta de nosso explorador
E quem sufoca somos nós!

b.
P. P. BOCARRA

Rua.

OS JORNALEIROS
A Tribuna de Chicago, edição da tarde! O rei da carne e da filantropia P. P. Bocarra comparece à inauguração dos Hospitais Bocarra, os maiores e mais caros do mundo!

Passam Bocarra e dois homens.

UM PASSANTE *a outro*
Aquele é o P. P. Bocarra. Você conhece os outros dois?

O OUTRO
São detetives. Estão de olho para impedir que ele seja linchado.

c.
PARA TRAZER CONSOLO A DESOLAÇÃO NOS MATADOUROS OS BOINAS PRETAS SAEM DE SEU QUARTEL: PRIMEIRA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS

Diante do quartel dos Boinas Pretas.

Joana *à frente de um comando de Boinas Pretas*
Em tempos turvos de caos cruento
E desordem por decreto
E abuso previsto
E humanidade desfigurada
Quando a agitação nas capitais já não pára de engrossar
Descemos aos matadouros
A que se parece o mundo.
Chamados
Pelo boato de violências iminentes
A fim de impedir que em sua brutalidade a gente simples
Destrua as próprias ferramentas
E pise o seu pão, nós trazemos
Deus.
A popularidade Dele não é o que era.
Malvisto por muitos
Ele já não tem entrada
Nos domínios da vida real:
E no entanto é Ele a única salvação dos espezinhados!
Por isto nos decidimos
A rufar os tambores em Seu nome
Para que Ele tome pé nos bairros miseráveis
E a Sua voz ecoe nos matadouros.
Aos Boinas Pretas
E esta nossa iniciativa é com certeza
A última do gênero. A tentativa derradeira
De reerguê-Lo em meio à desagregação geral, e isto
Com o apoio dos espezinhados.

Afastam-se batendo os tambores.

d.
OS BOINAS PRETAS TRABALHAM DA MANHÃ ATÉ A NOITE NOS MATADOUROS MAS QUANDO A TARDE CAIU NÃO HAVIAM ALCANÇADO PRATICAMENTE NADA

Diante das Indústrias Lennox.

UM TRABALHADOR
Parece que estão tramando mais uma negociata gigantesca no mercado de carnes. Enquanto isto nem a nossa fome nós enganamos.

OUTRO TRABALHADOR
A luz do escritório está acesa.
Eles estão calculando os lucros.

Chegam os Boinas Pretas. Armam uma publicidade: "Um teto a 20 centavos por noite; com café, 30".

OS BOINAS PRETAS *cantam*
Atenção, muita atenção!
O senhor aí que está falido
A moça ali que está um trapo
O vosso pranto foi ouvido.
Calem-se as buzinas, cesse o ronco dos motores!
Esperança, irmãos: eis os vossos protetores!
E tu, a ponto embora de naufragar
Dá-nos teu olhar
Antes de afundar.
Nós te trazemos pão
E garra para lutar
Pela tua salvação.
E não queiram dizer que é tudo inútil
Pois a situação da injustiça fica insustentável
Se todos vierem conosco e marcharem
De mãos dadas, numa forma responsável.
Faremos desfilar canhões e tanques
Aviões em quantidade
Cruzadores cruzarão o mar
Teu prato de sopa, irmão, eles vão batalhar.
Pois o vosso número, pobres da terra,
De tão aterrador,
Fará do rico o vosso defensor!
Avante pois, ao assalto, com as frontes levantadas!
Ânimo, ó náufragos da vida! Aqui estamos de mãos dadas!

Durante o canto os Boinas Pretas distribuem o seu jornalzinho, O Brado de Guerra*, além de pratos, colheres e sopa. Os trabalhadores dizem "obrigado" e escutam a fala de Joana.*

JOANA
Somos os soldados de Deus. Por causa de nossos chapéus, chamam-nos de Boinas Pretas. Onde cresce a agitação, onde desponta a violência, aí estamos nós, marchando com tambores e bandeiras, lembrando aos homens que Deus existe, coisa que muitos esquecem. Nós nos dizemos soldados porque formamos um exército, que marcha contra o crime e a miséria, contra as forças que nos puxam para baixo. Ela mesma começa a distribuir a sopa. Muito bem, agora vocês tomem a sopa antes que esfrie, e hão de ver que a vida logo melhora, mas façam o favor também de pensar um pouco Naquele que nos dá a sopa e todas as demais coisas. E enquanto estiverem pensando, verão que é Ele a solução definitiva: ambições altas, sim; vulgares, não. Disputar um bom lugar lá em cima, e não aqui embaixo. O importante é ser o primeiro no céu, e não na terra, que não resolve. Aliás, vocês mesmos estão vendo como é precária a felicidade terrena. Ela é inteiramente incerta. A desgraça cai sobre nossas cabeças de repente e sem explicação, como a chuva que nos molha sem que ninguém seja culpado. Haveria acaso uni responsável pelas suas desgraças?

UM DOS QUE ESTÃO COMENDO
A culpa é de Lennox & Cia.

JOANA
Mister Lennox possivelmente esteja mais aflito que vocês.Vocês

o que têm a perder? Ele está perdendo milhões!

UM TRABALHADOR
O caldinho está ralo, mas água quente faz bem à saúde.

OUTRO
Quem estiver comendo cale a boca e ouça as palavras do céu.
Porque senão vamos ficar também sem a sopinha.

JOANA
Calma! Caros amigos, qual será a razão da sua pobreza?

UM TRABALHADOR
A explicação da moça deve ser brilhante.

JOANA
Eu vou explicar. A sua pobreza não reside na falta de bens terrenos – estes não dão mesmo para todos –, mas na falta de espiritualidade. É por isto que vocês são pobres. As satisfações baixas a que vocês aspiram, uma janta, a casa arranjada, o cinema, são satisfações vulgares e materiais, mas a palavra de Deus é um prazer mais fino, mais íntimo, mais requintado, vocês talvez não imaginem nada mais doce que um sorvete, mas a palavra de Deus é muito mais doce, ela é infinitamente doce! E como leite e mel, e quem mora com Ele mora num palácio de ouro e mármore. Gente sem fé! Os pássaros que cruzam os céus não têm carteira de trabalho, os lírios do campo não têm emprego, mas Deus lhes dá o sustento, para que cantem a Sua glória. Vocês só pensam em subir na vida, mas subir para onde, subir de que maneira?! Nós, Boinas Pretas, fazemos a vocês uma pergunta muito prática: o que é preciso para ser alguém?

UM TRABALHADOR
Um pistolão forte...

JOANA
Não, o pistolão não adianta. Tal vez ajude a progredir, aqui na terra, mas diante de Deus é preciso ter muito mais, uma recomendação melhor, e aí vocês não têm nada, porque descuidaram de sua alma. Vocês querem melhorar de vida, mas o que é que vocês, ingênuos, entendem por "melhorar"? Pensam que será usando a força bruta? A força leva à destruição, e mais nada. Vocês acreditam que, mostrando as garras, conquistam o paraíso. Pois eu lhes digo que por aí não se vai ao paraíso, por aí se vai ao caos.

Um trabalhador entra correndo.

O TRABALHADOR
Vagou um emprego!
Um emprego com salário
Na fábrica número cinco!
É um emprego de merda.
Corram!

Três trabalhadores deixam o prato cheio e saem correndo.

JOANA
Ei, vocês aí, aonde vão? Quando se trata de Deus vocês não têm ouvidos, hem?

UMA BOINA PRETA
A sopa acabou.

OS TRABALHADORES
Acabou a sopinha.
Era pouca e rala.
Mas melhor do que nada.

Todos se levantam para ir embora.

JOANA
Acabou, mas que importância tem isso? Fiquem sentados! A sopeira do céu está sempre cheia e dá para todos.

OS TRABALHADORES
Vocês vão ou não vão abrir
As suas casas de esfola?
Carniceiros!

Formam-se grupos.

UM HOMEM
Como pagarei a minha casinha tão arranjada e úmida
Em que moramos doze pessoas? Dezessete
Prestações estão pagas, mas faltando a última
Estamos na rua e nunca mais veremos
O chão de terra batida com capim amarelo
Nunca mais a fumaça empestada de cada dia
Virá encher de vida o nosso peito.

OUTRO HOMEM *numa roda*
Aqui estamos com as nossas mãos que são pás
Com os nossos lombos que são carros de transporte
E queremos vender as mãos e o lombo
E não há comprador.

OS TRABALHADORES
E nossas ferramentas
Guindastes, prensas
Tudo está fechado atrás dos muros!

JOANA
Vejam só. Eles nem fingem que estão interessados! Comeram bem? Façam boa digestão, e muito obrigada por tudo. Mas agora mesmo vocês não estavam me ouvindo?

UM TRABALHADOR
Foi por causa da sopa.

JOANA
Vamos prosseguir. Cantem!

OS BOINAS PRETAS *cantam*
Onde é mais negra a batalha
Ergue-se um canto de amor
Irmãos, a glória não falha
É a voz de Jesus, o nosso Redentor!

UMA VOZ AO FUNDO
O Bocarra está empregando gente!

Os trabalhadores saem, com exceção de algumas mulheres.

JOANA *sombria*
Vamos guardar os instrumentos .Vocês viram como eles caem fora quando acaba a sopa?
A visão deles não vai além de um prato de comida.
Eles não acreditam em nada
Só se estiver em sua mão
Isto quando acreditam na mão.
Vivendo na ignorância do que será amanhã
Eles não transcendem o terra-a-terra mais rasteiro.
Só a fome lhes fila de igual para igual.
Palavras e cantorias não chegam à profundidade
A que eles desceram.

Aos circunstantes
Nós, Boinas Pretas, nos sentimos como se de nossas pobres
colheres dependesse o alimento da metade faminta do planeta.

Os trabalhadores voltam. Gritos ao longe.

Os trabalhadores *na frente*
Que gritos são estes? Um povo imenso, vindo dos frigoríficos!

Voz ao fundo
Bocarra e Cridle também fecharam!
Locaute nas Indústrias Bocarra!

O refluxo dos trabalhadores
Procurando trabalho a meio caminho encontramos
Vinda de outro lado outra multidão desesperada.
Acabavam de perder o trabalho
E nos perguntavam por trabalho.

Um trabalhador *à frente*
Ai de nós, a massa humana chega de toda parte.
O fenômeno é colossal. O próprio Bocarra fechou.
Para onde vamos?

Os boinas pretas *a Joana*
Vem conosco. Estamos com frio e molhados, e precisamos comer.

Joana
Mas eu quero saber quem é o culpado destas desgraças.

Os boinas pretas
Pára! Não te metas! Certamente
Vão encher a tua cabeça. Na cabeça deles
Há só baixeza. São vadios!
Só pensam em comer e fugir ao trabalho.
Nasceram incapazes de um pensamento elevado!

Joana
Mas eu quero saber. *Aos trabalhadores* Agora me expliquem: por
que vocês estão aqui, sem trabalho?

Os trabalhadores
O sanguinário Bocarra está em luta
Com Lennox, o sovina, e por isto passamos fome.

Joana
Onde mora o Bocarra?

Os trabalhadores
No lugar em que se negociam as boiadas
Na chamada Bolsa de Carnes.

Joana
Vou até lá
Porque eu quero saber.

Marta *uma das Boinas Pretas*
Não te metas! Quem muito pergunta
Ouve muitas respostas.

Joana
Eu quero ver o tal Bocarra, que causa tanta miséria.

Os boinas pretas
Neste caso o teu destino é negro, Joana.
Não te intrometas em disputas terrenas!
Quem se mistura é tragado.
A tua pureza não resistirá. Breve

Em meio à frieza geral estará perdido
O teu pouco calor. A bondade abandona
Quem se afasta do aprisco.
De degrau em degrau
Buscando sempre mais baixo a resposta que não alcanças
Desaparecerás na sujeira!
Porque é com sujeira que se fecham as bocas
Dos que perguntam sem prudência.

JOANA
Eu quero saber.

Os Boinas Pretas saem.

III.

PEDRO PAULO BOCARRA TEM A REVELAÇÃO DE UM OUTRO MUNDO

Diante da Bolsa de Carnes.
Joana e Marta esperam embaixo, enquanto no alto os magnatas da carne, Lennox e Graham, conversam. Lennox está branco como giz. Ao fundo a gritaria da Bolsa.

GRAHAM
Acertou-te o tremendo Bocarra
O bondoso Lennox! Irresistível
É a ascensão daquele monstro a cujo toque
A natureza se transforma em mercadoria e cobra um preço
A própria brisa. Ele é capaz de nos revender o que comido está.
Escombros lhe dão aluguéis, de carne podre
Fie tira dinheiro, e se você lhe jogar pedras é certo
Que as transforma em dinheiro também, e tão
Incontrolável é este talento para a pecúnia, tão natural
A monstruosidade que mesmo querendo
Ele não freia o instinto na sua pessoa.
Mas nota que Bocarra é delicado e não ama o dinheiro
Nem suporta a miséria, que não o deixa dormir.
Por isso o melhor é te aproximares dele
Dizendo: Bocarra, olha pari mim e desarrocha
A minha garganta, pensa m tua velhice.
É certo que ele terá um sobressalto. Talvez chore...

JOANA *a Marta*
Só tu Marta vieste comigo
Até aqui. Os demais
Afastaram-se com lábios que advertiam
Como se eu andasse em extremos – estranha advertência!

Eu te agradeço, Marta.

MARTA
Também eu te preveni, Joana.

JOANA
E vieste comigo.

MARTA
Você saberá reconhecê-lo, Joana?

JOANA
Tenho confiança que sim!

Cridle aparece no alto.

CRIDLE
Por fim, Lennox, o tempo em que você rebaixava preços
Acabou. Você mordeu o pó. Agora fecho os portões e espero
A recuperação do mercado. Lavo meus matadouros
Engraxo as facas e mando trazer umas tantas máquinas
Novas, que poupam muito salário.
É um novo sistema, da máxima inteligência.
Suspenso em tela de arame, o suíno sobe
Ao andar mais alto onde começa a ser abatido.
Com leve ajuda o animal se precipita das alturas
Sobre as facas. Entendeu? O suíno corta-se
Por conta própria e transforma-se em salsicha.
Assim, caindo de etapa em etapa, abandonado
Pela sua pele, que se transforma em couro
Separando-se de seus pêlos que serão escovas
E deixando enfim os seus ossos - futura
Farinha — o suíno impele a si mesmo
Rumo à lata de conserva. Entendeu?

GRAHAM
Entendi. Porém, qual será o destino das latas? Malditos tempos!
O mercado está impraticável, abarrotado de mercadorias.
O comércio, que florescia, parou.
A vossa briga de foice em mercados repletos
Arruinou os preços, como em sua luta de morte
Os búfalos estragam os pastos que disputam.

Aparecem Bocarra e seu corretor Slift, juntamente com outros industriais do enlatado. Atrás dele, dois detetives.

OS INDUSTRIAIS
Agora é ver quem agüenta mais!

BOCARRA
Lennox mordeu o pó. *A Lennox* Reconheça que você
[está liquidado.
E agora que Lennox deixou de existir, conforme
[o nosso contrato
Cridle, você ficará com o negócio da carne.

CRIDLE
De fato, Lennox deixou de existir. Mas
O tempo do mercado favorável também
E por isto, Bocarra, dez milhões por tuas ações é muito!

BOCARRA
O quê? O preço está
Aqui no contrato! Aqui, Lennox, diga
Se isto não é um contrato e se o preço escrito é outro!

CRIDLE
Sim, um contrato feito nos bons tempos.

Mas o tempo das vacas magras também está no contrato?
De que serve um matadouro só para mim
Se ninguém compra uma lata de carne sequer?
Entendi por que já não suportas a morte
De um boi, é porque a carne dele já não tem comprador!

BOCARRA
Calúnias. A gritaria
Da carne torturada me enlouquece o coração.

GRAHAM
Grande Bocarra, reconheço agora
A superioridade do teu ser, mesmo o teu coração
Enxerga longe.

LENNOX
Bocarra, será que não podíamos...

GRAHAM
Toca o coração dele, Lennox, toca o coração
Que é uma víscera sentimental.

Dá um murro no coração de Bocarra.

BOCARRA
Ai!

GRAHAM
Viste, ele tem coração!

BOCARRA
Bem, Freddy, agora que você me deu pancada
Digo a meu querido Cridle que não compre
Nenhuma lata de você.

GRAHAM
Isto não vale, Pedrinho, você está misturando
Vida privada e negócios.

CRIDLE
Você manda, Pedroca.

GRAHAM
Eu tenlo dois mil operários, Bocarra!

CRIDLE
Manda os operários à matinê! Mas nosso contrato, Pedrinho, não está valendo. Fazendo cálculos numa caderneta. Quando combinamos a tua saída, as ações – de que um terço é meu — estavam a trezentos e noventa. Você fechou negócio comigo a trezentos e vinte, o que era barato. Hoje é caro, pois elas estão a cem, por causa da saturação do mercado. Se eu quiser te pagar, só vendendo as tuas ações na bolsa. Mas neste caso elas caem a setenta e nem vendendo tudo eu te pago. Eu estaria falido.

BOCARRA
Não fale assim, Cridle, que você me obriga
A te arrancar o meu dinheiro neste minuto
Enquanto você ainda não faliu!
Olhe, Cridle, você me pregou um susto
Estou suando frio, seis dias é o máximo
De prazo que eu posso dar. Que digo? Cinco dias
Se é esta a tua situação.

LENNOX
Bocarra, olhe para mim.

BOCARRA
Lennox, olhe você: este contrato diz alguma coisa sobre tempos ruins?

LENNOX
Não.

Lennox sai.

BOCARRA *seguindo-o com os olhos*
Quer me parecer que ele está aflito.
E eu que, mergulhado nos negócios (Oxalá não fosse assim!),
Nada notei. Animalesca vida de negócios!
Tenho nojo, Cridle.

Cridle sai. Enquanto isto Joana faz sinal a um detetive e lhe diz alguma coisa.

O DETETIVE
Mister Bocarra, tem um pessoal aí querendo lhe falar.

BOCARRA
Um populacho esfarrapado, não é? Com cara invejosa, não é?
Inclinados à violência, hem? Diga que não estou.

O DETETIVE
É gente da organização dos Boinas Pretas.

BOCARRA
Que organização é essa?

O DETETIVE
Eles são numerosos e bem implantados nas classes baixas, e têm boa reputação. São chamados os soldados de Deus.

BOCARRA
Já ouvi falar. Nome estranho, os soldados de Deus... o que é que eles querem?

O DETETIVE
Eles dizem que querem falar com o senhor.

Enquanto isto continua a gritaria na Bolsa: "bois 43", "porcos 55", "vacas 59" etc.

BOCARRA
Está bem, diga que vou recebê-los
Mas diga também que não quero ouvir nada
Que eu não tenha perguntado, que ficam
Proibidas lágrimas e cantorias, especialmente as tristes
Diga enfim que a minha disposição melhora
Caso eu tenha a impressão de que se trata
De gente cooperativa, contra a qual não consta nada
E que não quer nada de mim que eu não possa dar.
Mais uma coisa: não diga que o Bocarra sou eu.

O detetive vai para onde está Joana.

O DETETIVE
Ele vai falar com vocês, mas
Vocês não perguntam nada, só respondem
Quando ele perguntar.

Joana dirige-se a Bocarra.

JOANA
O senhor é o Bocarra.

BOCARRA
Eu não. Aponta para Slift. É ele.

JOANA *aponta para Bocarra*
O senhor é o Bocarra.

BOCARRA
Não, é ele.

JOANA
É o senhor.

BOCARRA
Como você me reconheceu?

Joana
Porque a sua cara é a mais sanguinária.

Slift ri.

Bocarra
Você está rindo, Slift?

Graham foge enquanto isso.

BOCARRA *a Joana*
Quanto vocês recebem por dia?

JOANA
Vinte centavos, além de roupa e comida.

BOCARRA
Umas roupas velhas e uma sopa das mais ralas, hem, Slift?

SLIFT
Sim senhor, roupa velha e sopa rala. Que coisa...

JOANA
Bocarra, por que você impede os trabalhadores de trabalhar?

BOCARRA *a Slift*
Eles trabalham sem ganhar
Não é estranho? Coisa semelhante
Eu nunca havia ouvido. Trabalham
A troco de nada e não se zangam. Seus olhos não refletem
O medo da miséria e do relento.
A Joana
Vocês, Boinas Pretas, são gente estranha.
Não vou perguntar o que vocês esperam de mim.
Eu sei que a massa ignorante me chama
Bocarra o sanguinário e diz que Lennox foi
Vítima de um golpe meu ou que desgracei
A vida de Cridle, que aliás não é pessoa estimável.
São aspectos da vida de negócios que francamente
[não dizem respeito
A vocês. Mas há um assunto em que a vossa opinião
Me interessa. Tenho a intenção de abandonar esse negócio
Sangrento muito em breve, abandoná-lo completamente.
Por quê? Porque outro dia – e este caso vai apaixoná-los –
[vi morrer
Um vitelo. Me comovi tanto que decidi abandonar tudo
E vender a minha parte da fábrica. Vale doze milhões
Vendi por dez a ele aqui. Não lhes parece acertado
E conforme com o vosso desejo?

SLIFT
Depois do infeliz vitelo
Chegou a vez do próprio Cridle

De ser abatido.
Está conforme com o vosso desejo?

Risadas dos industriais.

BOCARRA
Riam. Sua risada não me abala.Verei
Adiante como choram.

JOANA
Mister Bocarra, por que o senhor fechou as portas
[do matadouro?
Eu quero saber a razão.

BOCARRA
Não é extraordinário que eu tenha largado mão
De um grande negócio, só porque é sangrento?
Diga que foi bem feito e que você gostou.
Não, não diga, estou sabendo e reconheço que para
Alguns foi um desastre, ficaram sem trabalho
Eu sei. Infelizmente foi inevitável.
Mas é gente ruim e vulgar
Aliás o melhor é ignorá-los, mas me diga:
Não fiz bem
Ao largar mão deste negócio?

JOANA
Eu não sei se você está perguntando a sério.

BOCARRA
Deve ser porque a minha maldita voz foi treinada
Para disfarçar, e você, por isto, sei
Que não gosta de mim. Não diga nada.
Aos outros
Sinto como se a brisa me trouxesse notícia de
[um mundo diferente.
Me dêem dinheiro, seus carniceiros, me dêem aqui
[um dinheiro!
Ele toma todo o dinheiro a todos e o entrega a Joana.
Toma, menina, é para os pobres!
Mas saiba que não sinto obrigação alguma
E durmo passavelmente bem. Por que esta minha ajuda? Só
Talvez porque gostei de seu rosto que é tão ingênuo
Embora você já tenha vivido vinte anos.

MARTA *a Joana*
Eu não acredito nas intenções dele.
Perdoa, Joana, mas agora eu também vou embora
Porque eu mesma acho
Que também você devia deixar isso tudo.

Marta sai.

JOANA
Mister Bocarra, isso é uma gota d'água no deserto. O senhor não pode ajudar de verdade?

BOCARRA
Vocês digam em toda parte que aprovo a vossa atividade
E quisera que existissem mais como vocês. Entretanto
Esta questão dos pobres está mal colocada.
E gente ruim. O ser humano não me comove
Eles não são inocentes, são carniceiros eles também.
Vamos mudar de assunto.

JOANA
Mister Bocarra, o que se diz nos matadouros é que a culpa da miséria é do senhor.

BOCARRA
Eu tenho compaixão, mas pêlos bois. O ser humano é ruim.
Os homens não estão maduros para o teu plano.
Antes de transformar o mundo
É preciso transformar o homem.
Espera um instante!
Ele fala baixo com Slift.
Dê mais algum dinheiro a ela, quando ela estiver sozinha!
Diga que é para os pobres, senão ela tem vergonha
E não aceita. Mas depois veja o que ela compra.
Se isso não bastar, e eu quisera que não baste
Você a leva
Ao matadouro e lhe mostra
Os pobres, como são ruins e animalescos, cheios de traição
[e covardia
E mostra que a culpa é deles mesmos.
Talvez isso ajude.
A Joana
Este é Sullivan Slift, o meu corretor, que vai lhe mostrar
[uma coisa.
A Slift
E fique sabendo que para mim é quase intolerável
[que exista gente
Como esta menina, sem nada de seu além de uma boina preta
E vinte centavos, e sem medo.

Bocarra se afasta.

SLIFT *a Joana*
Eu não quisera saber as coisas que você quer saber
Mas se você quiser sabê-las passe aqui amanhã.

JOANA *acompanhando Bocarra com os olhos*
Este não é um homem mau, este é o primeiro
A quem nossos tambores tiraram o sono
E que escuta o nosso chamado.

SLIFT *saindo*
Não te metas, ouve este conselho, com as criaturas do matadouro,
é urna gente infame, na verdade a escória do mundo.

JOANA
Eu quero ver.

IV.

O CORRETOR SULLIVAN SLIFT MOSTRA A JOANA DARK A MALDADE DOS POBRES: SEGUNDA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS

Na região dos matadouros.

SLIFT
Agora, Joana, vou te mostrar
Quanto são maus
Os que despertam a tua compaixão
A qual é descabida.

Caminham ao longo do muro de uma fábrica, em que está escrito "Bocarra & Cridle, Indústrias de Carne". O nome Bocarra está riscado em cruz. Dois homens saem por uma portinhola. Slift e Joana ouvem a sua conversa.

CONTRAMESTRE *a um moço*
Quatro dias atrás um homem chamado Luckerniddle caiu na caldeira; como não conseguimos parar as máquinas a tempo, a barbaridade aconteceu e ele rolou para dentro da máquina de preparar toicinho; estão aqui o paletó e o chapéu dele, que ocupam um cabide no vestiário e causam má impressão. Suma com eles. Talvez fosse bom queimá-los, o melhor é queimar já. Eu te digo estas coisas porque sei que você é de confiança: se acharem esta roupa eu perco o meu emprego. Assim que a fábrica reabrir você naturalmente fica com o lugar de Luckerniddle.

O RAPAZ
Pode ficar sossegado, Seu Smith.

O contramestre desaparece pela portinhola.

O RAPAZ
Dá pena este homem, que agora é um toicinho perdido no mundo, mas dá pena também o paletó dele, que ainda está bom. O nossa-amizade agora está enlatado e não precisa mais de casaco. Mas eu aqui preciso. Fico com ele e caguei.

Veste o casaco e embrulha o dele próprio num jornal.

JOANA *vacila*
Estou me sentindo mal.

SLIFT
Este é o mundo como ele é. Ele aborda o rapaz. De onde saíram este paletó e este boné? Pertencem a Luckerniddle, o homem que sofreu um acidente.

O RAPAZ
Por favor, não conte a ninguém. Eu devolvo tudo imediatamente. Estou muito decaído. Há um ano, interessado em ganhar o extra de vinte centavos que eles pagam na sessão de fertilizantes sintéticos, fui trabalhar na trituração de ossos. Fiquei mal do pulmão e das pálpebras. A minha força de trabalho não é mais a mesma: desde fevereiro estive empregado só duas vezes.

SLIFT
Não tire esta roupa. Na hora do almoço venha à cantina sete. Você ganha um dólar e um prato de comida se explicar à Dona Luckerniddle a origem do paletó e do boné.

O RAPAZ
Patrão, isto não é uma brutalidade?

SLIFT
E, se você não estiver precisando!

O RAPAZ
Pode ficar sossegado, patrão.

Joana e Slift seguem adiante.

DONA LUCKERNIDDLE *clama, sentada diante da fábrica*
Vocês aí dentro, o que fizeram ao meu marido?
Há quatro dias, saindo para o trabalho, ele dizia:
Hoje de noite quero uma sopa quente! E até hoje
Ele não voltou! O que vocês fizeram ao meu marido,
Carniceiros! Há quatro dias estou aqui
No frio, nem de noite eu saio, esperando, mas não me dizem
Nada, e meu marido não volta! Mas fiquem sabendo
Que não saio enquanto ele não voltar, e se tiverem
Tocado nele, ai de vocês

Slift aproxima-se dela.

SLIFT
O seu marido viajou, Dona.

DONA LUCKERNIDDLE
Que história de viagem é essa!

SLIFT
Vou lhe dizer uma coisa, Dona, ele viajou, e é muito desagradável para a fábrica a senhora ficar aí dizendo bobagens. Nós vamos fazer uma proposta à senhora, uma proposta a que por lei nós não somos obrigados. A senhora pára de procurar o seu marido, e almoça de graça em nossa cantina durante três semanas.

DONA LUCKERNIDDLE
Eu quero saber o que houve com meu marido!

SLIFT
Nós estamos dizendo à senhora que ele viajou para São Francisco.

DONA LUCKERNIDDLE
Ele não viajou para São Francisco, houve alguma coisa com ele, que vocês estão querendo esconder.

SLIFT
Se é esta a sua idéia, Dona, a senhora não pode aceitar nossa comida e precisa processar a fábrica. Pense bem. Amanhã eu estou na cantina à sua disposição.

Slift volta para onde está Joana.

DONA LUCKERNIDDLE
Eu preciso recuperar o meu marido. Eu não tenho mais ninguém que possa me sustentar.

JOANA
Ela não vem.
Vinte almoços não são pouco
Para um faminto, mas
Não são tudo.

Joana e Slift passam adiante. Chegam a uma cantina e vêem dois homens que espiam por uma janela.

GLOOMB
Aquele ali que está comendo é o contramestre que acelerou o trabalho e me fez perder os dedos na fresa. Nós vamos providenciar para que o cachorro nunca mais encha o bucho às

nossas custas. Apronta o teu cacete, para o caso de o meu quebrar.

SLIFT *a Joana*
Fique aqui. Eu vou falar com ele. Se ele vier para cá, você diz que está procurando emprego.Você vai ver como eles são. Ele se aproxima de Gloomb. Tenho a impressão de que o senhor vai cometer alguma coisa impensada. Antes disso eu lhe faço uma proposta vantajosa.

GLOOMB
Agora eu não tenho tempo, chefe.

SLIFT
É pena, porque o senhor ia sair ganhando.

GLOOMB
Fale depressa. Nós não podemos perder de vista aquele porco. Hoje ele cobra a paga do sistema desumano de que ele é o contramestre.

SLIFT
Tenho uma proposta que pode ajudá-lo. Sou inspetor desta fábrica. E muito desagradável que o posto junto à sua máquina tenha ficado vazio. A maioria é de opinião que o lugar é perigoso demais, justamente porque o senhor fez tanto estardalhaço por conta de seus dedos. Naturalmente seria bom se tivéssemos alguém para o cargo. Se acaso o senhor nos trouxesse uma pessoa, arranjaríamos um emprego também para o senhor, um emprego até mais leve e melhor remunerado. Talvez o emprego do próprio contramestre. O senhor me dá a impressão de ser esperto. E aquele ali, não sei por quê, está muito desprestigiado. Me entenda bem. É claro que o senhor também teria que acelerar a produção, mas, sobretudo, como lhe expliquei, teria que encontrar alguém para trabalhar na fresa, que de fato, como eu mesmo reconheço, é uma máquina pouco segura. Ali adiante, por exemplo, está uma menina procurando emprego.

GLOOMB
O que o senhor disse é sério?

SLIFT
É.

GLOOMB
Aquela ali? Ela dá a impressão de fraca. A fresa não é lugar para pessoas que cansem facilmente. *Ao outro.* Pensando bem, vamos deixar para amanhã de noite? A noite é melhor para este gênero de brincadeira. Até amanhã. *Dirige-se a Joana.* A senhora está procurando trabalho?

JOANA
Estou.

GLOOMB
A senhora enxerga bem?

JOANA
Não... Eu trabalhava na sessão de fertilizante sintético, na trituração de ossos. Fiquei atacada do pulmão e peguei uma inflamação nas pálpebras. Estou desempregada desde fevereiro. O serviço é bom?

GLOOMB
O serviço é bom. É um trabalho que mesmo gente fraca como a senhora pode fazer.

JOANA

Será que não há mesmo outro lugar? Ouvi dizer que o serviço dessa máquina é perigoso para pessoas que cansem facilmente. Se a mão chochila, a lâmina pega os dedos.

GLOOMB
Tudo mentira. A senhora não imagina como o trabalho é agradável. A senhora vai botar as mãos na cabeça e perguntar como pode as pessoas contarem histórias tão bobas a respeito desta fresa.

Slift ri e leva Joana embora.

JOANA
Agora estou quase com medo de continuar, com medo do que ainda não vi!

Entram na cantina e vêem Dona Luckerniddle falando com o servente.

DONA LUCKERNIDDLE *calculando*
Vinte almoços... daí eu podia... daí eu voltava e tinha...

Ela senta-se à mesa.

O SERVENTE
Se a senhora não for comer não pode ficar aqui.

DONA LUCKERNIDDLE
Estou esperando alguém que deve vir hoje ou amanhã. Qual é o prato de hoje?

O SERVENTE
Ervilhas.

JOANA
Lá está ela.
Pensei que ela não cedesse, mas ainda assim
Eu temia que amanhã ela viesse
E o fato é que ela se apressou mais do que nós
E já está aqui à nossa espera.

SLIFT
Vá você mesma levar a comida a ela, talvez ela pense melhor.

Joana busca a comida e a leva a D. Luckerniddle.

JOANA
A senhora já está aqui?

DONA LUCKERNIDDLE
É porque faz dois dias que não como.

JOANA
Mas a senhora estava sabendo que nós vínhamos hoje?

DONA LUCKERNIDDLE
Não sabia.

JOANA
Agora há pouco ouvi dizer que houve alguma coisa com o seu marido, e que a culpa é da fábrica.

DONA LUCKERNIDDLE
Vocês voltaram atrás? Não vão mais me dar os vinte almoços, é isso?

JOANA
Mas eu ouvi dizer que a senhora se entendia bem com o seu marido! Me disseram que a senhora não tem ninguém além dele.

DONA LUCKERNIDDLE
É, já faz dois dias que não como nada.

JOANA
A senhora não quer esperar até amanhã? Se a senhora desistir, ninguém vai procurar o seu marido.

Dona Luckerniddle se cala.

JOANA
Não coma.

Dona Luckerniddle arranca-lhe o prato e come com avidez.

DONA LUCKERNIDDLE
Ele viajou para São Francisco.

JOANA
Os depósitos estão atulhados de carne
Que não se vende e vai apodrecer
Porque ninguém a quer.

Entra o rapaz com o paletó e o boné.

O TRABALHADOR
Bom-dia, é aqui que eu vou almoçar?

SLIFT
Vá sentar-se perto daquela mulher.

O trabalhador senta.

SLIFT *por trás dele*
Que bonito este boné. O trabalhador o oculta. Você ganhou de presente?

TRABALHADOR
É comprado.

SLIFT
Comprado? Onde?

TRABALHADOR
Não comprei numa loja.

SLIFT
Então onde foi?

TRABALHADOR
Era de um homem que caiu na caldeira.

Dona Luckerniddle sente-se mal. Ela levanta e sai.

DONA LUCKERNIDDLE *diz ao servente enquanto sai*
Deixe aí o prato. Eu volto. Agora eu venho almoçar todos os dias. Pergunte àquele homem ali.

Sai.

SLIFT
Ela virá aqui durante três semanas para comer, sem levantar os olhos do prato, como um animal. Você viu, Joana, que a maldade dela é infinita?

JOANA
E como você domina

A maldade dela! Como vocês exploram a maldade dela!
Você não vê que a maldade dela passa frio?
É provável que tanto quanto outras ela quisesse
Ser fiel ao marido e continuar algum tempo mais
Como convém, buscando o homem que fora
O seu sustento. Mas vinte almoços custam caro.
E você acha que se dependesse dele
O mocinho capaz de qualquer negócio
Teria mostrado o paletó à mulher do morto?
O preço é que era demais. Mesmo
O maneta, por que não me havia de prevenir
Se não fosse tão alto o custo de um pouco de solidariedade?
Se ele vendeu o ódio – justo – que sentia
É porque vocês pagam e ele precisou.
Se a maldade deles é infinita, infinita também
É a sua pobreza. Não foi a maldade dos pobres
O que você me mostrou, foi
A pobreza dos pobres.
Vocês me mostraram a maldade da gente pobre
E eu lhes mostro o sofrimento da pobre gente má.
Maldade, rumor infundado!
Es refutada pelo sofrimento no rosto.

V.

JOANA LEVA OS POBRES A BOLSA DE CARNES

A Bolsa de Carnes.

OS INDUSTRIAIS DA CARNE
Nós vendemos carne enlatada!
Atacadistas, comprem carne enlatada!
Carne enlatada fresca e macia!
Toicinhos Bocarra & Cridle!
Presuntos cozidos marca Granam!
Banha de porco barata!

OS ATACADISTAS
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Os atacadistas marcham para a falência!

OS INDUSTRIAIS
Com ajuda de extraordinários progressos técnicos
De engenheiros incansáveis e empresários de visão
Conseguimos reduzir de um terço o preço
Do toicinho de Bocarra & Cridle!
Do presunto cozido marca Graham!
Da banha de porco barata!
Atacadistas, comprem carne enlatada!
Não percam a ocasião!

OS ATACADISTAS
A tristeza de Deus paira sobre as águas
As cozinhas dos restaurantes escondem o rosto
Os supermercados afastam-se com enjôo
O comércio de atravessadores sua frio!
Nós, atacadistas, vomitamos à simples menção

De uma lata de carne. O estômago deste país
Passou da conta em matéria de carne e de latas
E agora está virado.

SLIFT
O que escrevem os teus amigos de Nova York?

BOCARRA
Teorias. Se dependesse deles
O ramo da carne ia inteiro para o brejo
Durante semanas a fio até a sufocação geral
E depois a carne ficava toda comigo.
Bobagens!

SLIFT
Eu morreria de rir se de fato os amigos de Nova York agora
Furassem o protecionismo sulista causando
Um fenômeno de alta
De que nós ficássemos fora.

BOCARRA
E suponhamos que fosse assim! Você teria o peito
De arrancar um filé a tanta miséria
Agora que estão todos atentos como águias
Aos nossos mínimos movimentos? Este peito eu não teria.

OS ATACADISTAS
Aqui estamos os atacadistas com montanhas de latas
E depósitos cheios de boi congelado
E queremos vender os bois enlatados
E ninguém quer comprar!
E nossos fregueses, os restaurantes e açougues
Estão com carne congelada pelas tampas
Implorando compradores e bons garfos!
Nós não compramos mais nada!

OS INDUSTRIAIS
Aqui estamos os industriais do enlatado com matadouros
[e galpões
E estábulos cheios de bois, as máquinas, as prensas e as caldeiras
Gastando vapor, e os rebanhos comendo e mugindo enquanto
Não viram carne enlatada. E ninguém quer carne enlatada.
Nós estamos perdidos!

OS CRIADORES
E nós, criadores?
Quem compra a nossa criação? Os bois e os porcos
Estão nos currais comendo o milho que é caro
E nos vagões de transporte que são caros eles comem
Também e nos galpões das estações que comem aluguéis
Lá estão eles comendo sempre.

BOCARRA
E agora são rejeitados pelas próprias facas.
A morte volta as costas à criação
E fecha a oficina.

OS INDUSTRIAIS *gritando com Bocarra, que lê um jornal*
Traiçoeiro Bocarra, não suje o prato onde você come!
Pensa que não sabemos quem muito em segredo lança
Mais carne ao mercado e empurra as cotações para o abismo?
Há dias você está liquidando carne!

BOCARRA
Carniceiros desaforados, chorem no colo de sua mãe
Porque enfim cessou o choro da carne martirizada!
Voltem para casa e digam que um ao menos
Dentre vocês, siderado pelo clamor dos bois,

Preferiu ouvir a vossa grita a ouvir o grito deles!
Eu quero o meu dinheiro e paz para a minha consciência!

UM CORRETOR *aos berros na porta da Bolsa*
Queda vertiginosa na Bolsa de Valores!
Ações postas à venda em pacotes enormes.
Cridle Sucessor de Bocarra & Cia arrasta para o fundo
As cotações do ramo da carne.

O tumulto se instala entre os industriais da carne. Avançam para Cridle, o qual está branco como giz.

OS INDUSTRIAIS
Agora, Cridle, você vai se explicar, olho no olho! Você está liquidando ações a preço irrisório?

OS CORRETORES
A cento e quinze por ação!

OS INDUSTRIAIS
Você tem merda na cabeça?
Você quer se matar, mas está assassinando os outros!
Seu cagão! Criminoso!

CRIDLE *apontando Bocarra*
Essa conversa é com ele.

GRAHAM *colocando-se à frente de Cridle*
Quem pesca em águas turvas no caso não é Cridle
É um outro, e os peixes seremos nós!
Tem gente querendo açambarcar o ramo da carne
Inteiro, a jogada é grande. Responda, Bocarra!

OS INDUSTRIAIS *a Bocarra*
Correm boatos, Bocarra, de que estás cobrando
A dívida de Cridle que já vacila e Cridle
Ele próprio se cala e aponta o dedo para você.

BOCARRA
Se eu deixasse o meu dinheiro um minuto mais que fosse nas mãos deste Cridle, que me confessou ele próprio estar quebrado, quem dentre vocês me levaria a sério como homem de negócios? E o que eu mais desejo é que vocês me levem a sério.

CRIDLE *aos circunstantes*
Há quatro semanas contadas fechei um contrato com Bocarra. Ele cedeu a parte dele no negócio, um terço do total, por dez milhões de dólares. Hoje fico sabendo que naquela mesma tarde ele em segredo passava a vender gado a preço vil, estragando mais ainda o mercado que já estava frouxo. Em nosso contrato Bocarra se reservava o direito de exigir o dinheiro quando quisesse. A minha ideia era pagá-lo vendendo uma parte das próprias ações dele, que estavam a bom preço, e usar as outras para levantar um empréstimo. Mas aí a bolsa baixou. Hoje a parte de Bocarra não vale dez milhões, vale três, e o negócio inteiro em vez de trinta milhões vale dez. Estes dez milhões são o valor exato da dívida que Bocarra quer que eu pague da noite para o dia.

OS INDUSTRIAIS
Você manobra contra o Cridle de quem não
Somos aliados e, no entanto a sua manobra nos atinge
Em cheio como você sabe muito bem. Você
Estragou o comércio inteiro, o qual por sua vez é o grande
Culpado pelo preço ridículo de nossas latas
De carne barata como areia em conseqüência
Da guerra de preços em que você estrangulou Lennox.

BOCARRA
Ninguém mandou matarem tanto, ó
Carniceiros frenéticos! Agora quero o meu dinheiro
Nem que vocês tenham que mendigar. Quero
O meu dinheiro! Tenho outros planos.

OS CRIADORES
Lennox está por terra. Cridle vacila. E Bocarra
Vai embora com o dinheiro dele!

OS PEQUENOS ESPECULADORES
Ai de nós, os pequenos especuladores nunca
Lembrados. Grande espetáculo é a queda
De um colosso, mas a platéia empolgada não vê
Onde ele cai nem quem ele esmaga ao cair.
Bocarra, o nosso dinheiro!

OS INDUSTRIAIS
Oitenta mil latas a cinqüenta, e tem de ser já!

OS COMPRADORES
Nem uma só!

Silêncio. Ouvem-se os tambores dos Boinas Pretas e a voz de Joana.

A VOZ DE JOANA
Pedro Paulo Bocarra! Onde está o Bocarra?

BOCARRA
Que tambores são estes? Quem
Pronuncia o meu nome?
Logo aqui, onde
As caras não têm disfarce e estão lambuzadas de sangue!

Entram os Boinas Pretas. Cantam o seu hino de guerra.

OS BOINAS PRETAS *cantam*
Atenção, atenção, atenção!
Eis ali um homem falido.
Vede esta moça reduzida a trapo!
E o pranto deles não foi ouvido.
Calem-se as buzinas, cesse o ronco dos motores!
Pelo amor de Deus, alguém atenda os sofredores!
Mas será possível que vocês não enxerguem nada?
É um vosso igual, não é lixo na calçada!
Despregai os olhos do prato de sopa
E com Jesus recordemos
O pobre sem roupa.
Dizem vocês que nada disso resolve
Mas nós respondemos que a injustiça perde o pé
Se marcharmos unidos
Cheios de fé.
Canhões e tanques já saíram à rua
Aviões em quantidade
E cruzadores estão de prontidão
Para dar ao faminto um pedaço de pão.
Pois o vosso número, pobres da terra
De tão horripilante
Fará do governo o nosso ajudante.
Em frente, pois, ao assalto, o coração sem rancores!
Pelo amor de Deus, alguém atenda os sofredores!

Enquanto isto prossegue a batalha na Bolsa. Apesar dela, as gargalhadas vão ganhando terreno, acompanhando as ofertas.

OS INDUSTRIAIS
Oitenta mil latas pela metade do preço, mas com pagamento à vista!

Os atravessadores
Nem uma só!

Os industriais
Neste caso, Bocarra, estamos liquidados.

Joana
Onde está o Bocarra?

Bocarra
Não se mexa, Slift! Graham, Meyers
Fiquem na minha frente.
Não quero ser visto aqui.

Os criadores
Nesta Chicago inteira não se vende um boi.
Este é o dia da morte do estado de Ilinois.
Pagando preços dia a dia mais altos vocês nos levaram à criação
De mais e mais bois
Que agora ninguém quer comprar.
Você, Bocarra, cachorro, é o culpado do desastre.

Bocarra
Chega de negócios por agora. Graham, o meu chapéu.
[Preciso sair.

Cem dólares pelo meu chapéu.

Cridle
Maldito seja. Cridle sai.

Joana *atrás de Bocarra*
Não vá embora, Mister Bocarra, e ouça o que tenho a lhe dizer. São coisas que todos podem ouvir. Silêncio. Não fujam, sei que os senhores não gostam que nós, os Boinas Pretas, apareçamos aqui no quartel de seus negócios e segredos. E estou informada também das trapaças por trás do preço da carne. Mas se vocês pensam que nada disto se saberá, enganam-se muito, agora e no dia do Juízo Final, quando tudo virá a público, e quero ver a sua cara quando o Senhor Nosso Pai descansar os olhos grandes em vocês e perguntar: "Onde estão os meus bois? O que fizeram com eles? Vocês ofereceram carne ao povo a preço acessível? Onde foi parar a carne que desapareceu?" Contrafeitos, vocês inventarão respostas como aquelas que publicam nos seus jornais, onde, aliás nem tudo que está escrito é verdade, enquanto os bois estarão mugindo nos mil lugares onde vocês os esconderam para lhes elevar o preço ao infinito, e o mugido deles testemunhará contra vocês na presença do Todo-Poderoso.

Gargalhadas.

Os criadores
Nós, os criadores, não vemos motivo para riso. Tributários que somos do bom e do mau tempo no verão
[e no inverno
Acreditamos em Deus à maneira antiga.

Joana
E agora um exemplo. Se alguém constrói uma barragem contra a irracionalidade das águas e mil pessoas ajudam com o trabalho das suas mãos e aquele alguém recebe um milhão em pagamento e a barragem cede tão logo as águas chegam, afogando todos que trabalharam e muitos mais – o que é o homem que constrói esse tipo de barragem? Vocês dirão que é um homem de negócios, ou, conforme for, um sem-vergonha, mas nós dizemos a vocês que ele é um tonto. E vocês todos, que encarecem o pão e transformam num inferno a vida dos homens, até que estes se transformem em diabos, vocês são uns tontos, pobres e tristes

tontos, e nada mais!
Os compradores *aos gritos*
Com a vossa desconsiderada
Corrida de preços e imunda sofreguidão de lucro
Vocês cometem suicídio.
Tontos!

Os industriais
Mais tontos são vocês!
Não há quem possa com as crises!
Inexoráveis pairam
Sobre nós as leis da economia, essas desconhecidas.
Em tremendos ciclos retornam
As catástrofes da natureza!

Os criadores
Alguém nos estrangula, não digam que o responsável
[não é ninguém.
É maldade, uma refinada maldade!

Joana
E por que tanta maldade no mundo? Nestas condições não podia mesmo ser diferente. Se o cristão é obrigado a arrancar ao vizinho o pão de que necessita, para não falar na manteiga, e se até para o indispensável o irmão tem de lutar contra o irmão, é natural que os sentimentos nobres desapareçam do peito humano. Mas vamos supor que amar ao próximo não fosse nada mais que servir o freguês. Logo o Novo Testamento fica fácil de entender e é clara a atualidade dele, mesmo em nossos dias. Servir o freguês! O que é servir, senão amar o próximo? É preciso entender bem esta expressão! Meus senhores, é voz corrente que os pobres têm pouca moral, e é verdade. Nos barracos lá embaixo quem reina é a imoralidade em pessoa, e com ela a revolução.

Mas eu lhes pergunto: como podem os pobres ter moral, se eles não têm nada? É isto mesmo, como não será roubo qualquer coisa que eles peguem? Meus senhores, a força moral precisa de força aquisitiva, e basta aumentar a força aquisitiva para aparecer a força moral. Vejam que por força aquisitiva eu entendo unia coisa muito simples e sem mistério, estou pensando em dinheiro, cm salário, o que nos traz de volta às questões práticas: se vocês continuarem assim, essa carne vai ficar toda para vocês, porque o pessoal lá fora está sem força aquisitiva.

Os criadores *descontentes*
Aqui estamos com os nossos bois
Que ninguém está comprando.

Joana
Vocês ficam aí de camarote, os grandes figurões, certos de que as suas trapaças não serão descobertas e não querendo saber da miséria lá fora. Mas olhem aqui para eles, que vocês maltrataram e deixaram no estado que está se vendo, eles em quem vocês não querem reconhecer os seus irmãos, venham para frente, os vergados e atribulados, venham para a luz do dia. Não sintam vergonha.

Joana mostra aos freqüentadores da Bolsa os pobres que estão com ela.

Bocarra *grita*
Tirem isso daqui.

Ele desmaia.

Voz ao fundo
Pedro Paulo Bocarra desmaiou.

Os pobres
Este cara é o culpado de tudo!

Os industriais da carne desvelam-se por Bocarra.

OS INDUSTRIAIS
Tragam água para Pedro Paulo Bocarra! Um médico para Bocarra!

JOANA
Você, Bocarra, me mostrou a maldade
Dos pobres, e eu agora lhe mostro
A pobreza dos pobres. Distantes de vocês
E distantes, por isso mesmo, dos indispensáveis bens materiais
Vivem, lá onde não vai a vista, aqueles
Que forçados por vocês à pobreza e à penúria carecem
De comida e roupa a tal ponto
Que distam, tanto quanto de vocês, de tudo quanto
Transcenda a fome e os costumes mais animais.

Bocarra volta a si.

BOCARRA
Eles ainda estão aqui? Por favor, afastem essa gente.

OS INDUSTRIAIS
Os Boinas Pretas? Você quer que eles saiam?

BOCARRA
Não, os que estão atrás deles.

SLIFT
Ele não abre os olhos enquanto eles não saírem.

GRAHAM
Então você não gosta de vê-los? Mas foi você
Quem os deixou nesse estado.
Você fecha os olhos, mas
Nem por isso eles desaparecem.

BOCARRA
Por favor, afastem essa gente daqui. Eu compro!
Ouçam todos: Pedro Paulo Bocarra está comprando!
Para que eles tenham trabalho e se afastem daqui.
Eu compro: oito semanas de produção de carne enlatada.

OS INDUSTRIAIS
Ele comprou! O Bocarra comprou!

BOCARRA
Ao preço do dia!

GRAHAM *interpelando-o*
E o que estiver estocado?

BOCARRA *deitado no chão*
Eu compro.

GRAHAM
A cinqüenta?

BOCARRA
A cinqüenta!

GRAHAM
Ele comprou! Ouçam todos, ele comprou!

CORRETORES *usando megafones*
Pedro Paulo Bocarra sustenta o mercado da carne. Conforme reza o contrato ele absorve o estoque inteiro do cartel da carne ao preço do dia que é de cinqüenta e absorve também dois meses de produção a partir do dia de hoje, igualmente a cinqüenta. Em

quinze de novembro o cartel da carne entrega a Pedro Paulo Bocarra no mínimo quarenta mil toneladas de carne em conserva.

BOCARRA
E agora, amigos, por gentileza me tirem daqui.

Bocarra sai carregado.

JOANA
Parabéns, o cavalheiro vai descansar!
Nós aqui suando como burro de carga em nosso
[trabalho missionário
E vocês aí em cima metendo os pés pelas mãos!
Ouço dizer que Mr. Bocarra deseja que eu não fale? Ora
Vejam, quem é o senhor
Para fechar a boca ao bom Deus? Ao boi que trabalha
Ninguém tem o direito de amarrar o focinho!
Eu falo sim senhor.
Aos pobres
Segunda-feira vocês voltam ao trabalho.

OS POBRES
Nunca antes vimos gente assim. Mas os dois que estavam com ele nós quase não estranhamos. Têm cara muito pior que a do próprio Bocarra.

JOANA
Para despedida cantaremos "O pão faltar não vai".

OS BOINAS PRETAS *cantando*
O pão faltar não vai
A quem no Céu se fia
Jesus é o nosso pai,
Exemplo e alegria.
Não há frio não há fome
Se cantarmos o seu nome
É Jesus o nosso rei.

OS COMPRADORES
O homem está ruim da cabeça. O estômago deste país Tomou uma indigestão de carne em lata e agora está virado. E o homem manda enlatar mais carne Que ninguém vai comprar. Este já era.

OS CRIADORES
Muito bem, o preço agora é outro, miseráveis carniceiros!
O nosso boi vai custar o dobro
Porque vocês precisam dele. Nem um tostão a menos.

OS INDUSTRIAIS DA CARNE
Fiquem com tudo e engulam! Nós não queremos nada.
Pois o contrato firmado aqui diante de todos
É papel e só. O homem que o firmou
Não estava em seu juízo. Ele não levanta
Um tostão de São Francisco a Nova York
Para esse negócio de tatu.

Os industriais saem.

JOANA
Mas aqueles que buscam seriamente a palavra de Deus e o pensamento Dele, e não só as cotações da bolsa, e suponho que também aqui exista gente honrada, que faz negócios na fé do Senhor, coisa contra a qual absolutamente não somos, enfim, estes venham domingo ao nosso serviço religioso. Rua Lincoln, a partir das duas, a música começa às três, e a entrada é grátis.

SLIFT *aos criadores*
O que Bocarra promete ele cumpre. Irmãos, que momento! O

mercado volta à vida
O pior já passou, a crise está vencida.
Benditos os empregadores, benditos os empregados
Que à fábrica tornara felizes e congraçados.
A voz da razão ouvida com maturidade
Trouxe o bom senso à nossa sociedade.
Abram-se os portões, funcione o parque industrial
E no trabalho que se entendem proletariado e capital.

OS CRIADORES *ao encontro de Joana, na escada*
Tua nobre fala e presença causou entre nós, criadores,
Muita impressão e vários aqui
Estão profundamente abalados. Também nós
Sofremos horrivelmente.

JOANA
Saibam que estou de olho
No Bocarra, ele despertou, e vocês
Quando a necessidade apertar
Venham comigo, buscar a ajuda dele.
Ele agora não vai mais descansar
Até que estejam todos melhor.
Isto porque é nas mãos dele que está o remédio e por isto
Olho nele.

*Joana e os Boinas Pretas saem, seguidos pelos criadore*s.

VI.

DESENTOCANDO BICHINHOS

No centro financeiro da cidade, a casa do corretor Sullivan Slift, que é pequena e tem duas entradas.

BOCARRA *no interior da casa, com Slift*
Tranque as portas, Slift, ponha aqui uma luz, e examine bem o meu rosto. E verdade que está tudo na cara?

SLIFT
Tudo o quê?

BOCARRA
Bem, a minha profissão.

SLIFT
O comércio de carne? Bocarra, você levou a sério as falas daquela mulher?

BOCARRA
Qual é a fala dela; Eu nem ouvi
Porque atrás andava uma gente horrorosa de cara
Miserável, daquela miséria que prenuncia um tipo de fúria
Que vai nos varrer a todos, fiquei impressionado
Demais. Slift, agora
Vou dizer o que realmente eu penso de nossos negócios:
Assim como está na pura base de comprar e vender
E os homens depenando uns aos outros friamente
Eu acho que não vai dar. Eles são numerosos demais
Os aflitos clamando, e o número deles cresce.
O que os nossos matadouros já viram passar não tem
[mais perdão.
Quando eles nos pegarem vão nos deixar na calçada
Como jornal rasgado. Nós todos aqui
Já não vamos morrer na cama. Antes disso
Vão nos acuar contra o muro como se fôssemos uma
[matilha de lobos
E limparão o mundo de nossa presença
E de nossos seguidores.

SLIFT
Eles confundiram a tua cabeça! *À parte* Vou convencê-lo a comer um filé mal passado. Esta moleza é uma doença antiga dele, que às vezes volta. Talvez um gosto de sangue lhe devolva o juízo.

Slift põe um filé na frigideira.

BOCARRA
Às vezes eu me pergunto
Por que me comovem estas falas irreais e bisonhas
A mesma e eterna demagogia muito cacete e mal ensaiada.
É talvez porque são trabalho gratuito, dezoito horas diárias
Na chuva e com fome.

SLIFT
Em cidades como esta, que embaixo estão pegando fogo
E são gélidas nas alturas, não faltam
Nunca uns poucos para falar de uma coisa e outra
Que podia estar melhor.

BOCARRA
Mas o que é, o que é esta fala? Quando nestas cidades
Sempre incendiadas e no bramido da corrente humana
Eternamente descendo aos infernos o meu ouvido distingue
Uma das tais vozes, uma voz talvez ingênua, mas isenta
[de bestialidade

Slift, para mim é como se uma barra de ferro me fulminasse
[os rins
Em plena corrida. E mesmo isto que acabo de dizer
Slift, como tudo o mais, são evasivas, pois
O que me apavora não é Deus, é outra coisa.

SLIFT
Outra coisa?

BOCARRA
Uma coisa que fica, não acima
Uma coisa que fica abaixo de mim, E o que está desfalecendo
Nos matadouros e talvez não resista a mais uma noite
E, no entanto se avolumará pela manhã, eu tenho certeza.

SLIFT
Não queres mais carne, querido Pedro Paulo? Lembra que agora tu podes comer com a consciência tranqüila, pois a partir de hoje não tens más nada a ver com o assassinato das reses.

BOCARRA
Achas que devo? Talvez eu pudesse.
Será que já sou capaz?

SLIFT
Come alguma coisa e dá um balanço na situação, que não é boa.Você hoje comprou a totalidade do existente em matéria de latas, sabia?

Estou vendo, Bocarra, o fascínio com que meditas sobre o teu portentoso natural, mas permite que eu exponha brevemente a tua situação, o lado externo, inessencial, da vida.

Em primeiro lugar, compraste ao cartel da carne um estoque de quinze mil toneladas. Dentro de poucas semanas você deverá colocá-las no mercado, em cujo estômago hoje não há lugar para uma única lata. Você pagou cinqüenta a unidade, mas o preço vai descer a no máximo trinta. Em 15 de novembro, quando o preço estiver a trinta ou vinte e cinco, o cartel da carne te entregará mais quarenta mil toneladas àquele mesmo preço de cinqüenta.

BOCARRA
Estou perdido, Slift
Estou liquidado, eu comprei carne!
Ó Slift o que foi que eu fiz!
Slift, trago nos ombros a carne toda do mundo.
Tal qual um Atlas trôpego, carregado de toneladas de lataria
Vou direto para a miséria. Hoje mesmo pela manhã
Eram numerosos os que agonizavam; e eu
Fui até lá, para contemplar-lhes a falência e rir
E lhes dizer que já não existia ninguém tão tonto
A ponto de comprar carne em lata.
E lá estava eu quando ouço a minha voz dizer:
Eu compro tudo.
Slift, comprei carne, estou perdido.

SLIFT
O que te escrevem os amigos de Nova York?

BOCARRA
Eles me aconselham a comprar carne.

SLIFT
A comprar o quê?

BOCARRA
A comprar carne.

SLIFT
Então por que essa choradeira, se foi carne o que você comprou?

BOCARRA
É, eles me aconselham a comprar carne.

SLIFT
Mas é o que você fez, você comprou carne.

BOCARRA
É verdade, eu comprei carne, mas comprei
Não por causa do que está escrito nesta carta
Que está errada e é pura teoria, não por motivos
Baixos, mas porque aquela pessoa me fulminou, juro
Que mal passei os olhos na carta
Que só hoje cedo veio às minhas mãos.
Olhe ela aqui: "Querido Pedro Paulo!".

SLIFT *continuando a leitura*
"As novas hoje são boas, saiba que o nosso dinheiro já começa a dar frutos: na Câmara dos Deputados haverá muitos votos contra as tarifas interestaduais, de modo que parece aconselhável, caro Pedro Paulo, comprar carne. Amanhã voltaremos a escrever".

BOCARRA
Esta corrupção pelo dinheiro é outra coisa
Que não devia existir. Facilmente
Estouram guerras com tais pretextos, e milhares
Perdem a vida por causa de dinheiro sujo.
Caro Slift, pressinto que estas novas não trazem nada de bom.

SLIFT
Depende de quem forem os missivistas. Subornar, suprimir tarifas, declarar guerras Não é para qualquer um. É gente capaz?

BOCARRA
É gente com liquidez.

SLIFT
Quem são?

Bocarra sorri.

SLIFT
Neste caso os preços talvez voltassem a subir?
Escaparíamos com ferimentos leves.
E uma perspectiva, não fosse a muita carne
Dos criadores, que oferecida ansiosamente no mercado
Fará que os preços voltem a baixar. Não, Bocarra
Não entendo a carta.

BOCARRA
Vamos imaginar o seguinte: alguém roubou
E alguém o pegou. O primeiro está perdido
A não ser que cause uma segunda desgraça.
Se o fizer, está do outro lado.
A carta (que está errada) exige (para estar certa)
Um tal crime.

SLIFT
Um crime?

BOCARRA
De que nunca serei capaz. Porque eu agora
Quero viver tranqüilo. Ganhem os outros
Com este crime, e ganhar eles vão.
Bastaria comprar a carne disponível por aí
Convencer os criadores de que há carne
Em excesso no mercado, lembrando-lhes que Lennox

Fechou, para então lhes comprar
Tudo o que tiverem. Sobretudo isto:
Comprar aos criadores toda a carne que tiverem, aí
Os logrados naturalmente passam a ser eles, não, eu
Não quero nada com isto.

SLIFT
Você não devia ter comprado carne, Pedro Paulo!

BOCARRA
É, não vai dar certo, Slift.
Eu não compro um chapéu, um sapato que seja
Enquanto não sair desta história, e me dou por feliz
Se sair dela com cem dólares de meu.

Tambores. Entra Joana, acompanhada dos criadores e de alguns trabalhadores.

JOANA
Vamos desentocá-lo como um bichinho. Vocês fiquem do lado de lá, enquanto eu canto do lado de cá. Ele vai sair por ali, para me escapar, porque ele já não gosta de me ver. Ela ri. Nem a mim, nem aos que me acompanham.

OS CRIADORES *postam-se diante da porta da direita*.

JOANA *diante da porta da esquerda*
Venha cá para fora, Mister Bocarra, preciso falar-lhe a respeito da miséria dos criadores de gado do estado de Illinois. Estão comigo também alguns trabalhadores que querem saber o dia da reabertura da fábrica.

BOCARRA
Slift, onde fica a outra porta, eu não quero encontrá-la, nem sobretudo os que estão com ela. E também não vou abrir fábrica nenhuma agora.

SLIFT
Saia por aqui.

Os dois passam por dentro da casa para a porta da direita.

OS CRIADORES *diante da porta da direita*
Venha cá para fora, Bocarra, você é o culpado de nossa desgraça, somos mais de dez mil criadores em Illinois e estamos sem saída. Você vai ter que comprar o nosso gado.

BOCARRA
Fecha a porta, Slift! Eu não compro.
Eu que já estou arcando com toda a carne enlatada da terra
Vou pôr nas costas também o gado todo de Sírius?
Atlas, que mal e mal pode com o nosso planeta, não pode
Ajudar a carregar Saturno.
Haveria quem me comprasse o gado?

SLIFT
Possivelmente Graham, que precisa de carne verde.

JOANA *diante da porta da esquerda*
Não sairemos daqui enquanto a situação dos criadores não estiver resolvida.

BOCARRA
Possivelmente Graham, de fato, este precisa de gado. Slift, saia e diga a eles que vou pensar dois minutos.

Slift sai.

SLIFT *aos criadores*
Pedro Paulo Bocarra está examinando o pedido de vocês. Ele pede dois minutos para refletir.

Slift volta a entrar.

BOCARRA
Não vou comprar. Ele começa afazer cálculos. Slift, eu compro. Slift me traga tudo que se pareça a boi ou porco, que eu compro, tudo que cheire a banha, que eu compro, e pode me trazer toda e qualquer mancha de gordura, que eu sou comprador, ao preço deste dia, que é cinqüenta.

SLIFT
Você, Bocarra, não compra um chapéu que seja
Mas compra todo o gado de Illinois.

BOCARRA
É, vou fazer esta última compra. Está decidido, Slift.
Suponha:
Ele desenha a letra A na porta de um armário.
Alguém faz urna bobagem, A é uma bobagem.
Foi o coração que o levou a fazer a bobagem.
Por cima ele agora faz B, e B também é uma bobagem.
Mas acontece que A e B juntos dão certo.
Deixa entrar os criadores, é gente boa
Que trabalha pesado e se veste com decência
E cujo aspecto não me apavora.

SLIFT *sai e dirige-se aos criadores*
Para salvar o estado de Illinois e impedir o naufrágio de seus fazendeiros e criadores, Pedro Paulo Bocarra se decidiu a comprar todo o gado que esteja à venda. Todavia os contratos não podem ser feitos em nome dele, porque o nome dele não deve ser mencionado.

OS CRIADORES
Viva Pedro Paulo Bocarra, que está salvando o negócio dos criadores!

Eles entram na casa.

JOANA *falando alto, para que eles ouçam*
Diga a Mister Bocarra que os Boinas Pretas agradecem em nome de Deus. Aos trabalhadores Se os que compram o gado e se os que vendem o gado estão satisfeitos, vai haver pão também para vocês.

VII.

OS MERCADORES SÃO EXPULSOS DO TEMPLO

A casa dos Boinas Pretas.

Os Boinas Pretas estão sentados em volta de uma mesa comprida contando as esmolas recebidas. O dinheiro das viúvas e dos órfãos está em latinhas.

OS BOINAS PRETAS *cantam*
Dai aos pobres e às crianças
Que têm frio e não têm pão
Dai esmolas a Jesus
Que vos traz a salvação.

PAULUS SNYDER, *tenente dos boinas pretas levanta-se*
É muito pouco! *Dirigindo-se aos pobres mais ao fundo, entre os quais Dona Luckerniddle e Gloomb*. Vocês outra vez! Agora não saem mais daqui? Os matadouros estão abertos e trabalhando!

DONA LUCKERNIDDLE
Que idéia! Os matadouros estão fechados.

GLOOMB
Correu o boato que iam abrir, mas não abriram.

SNYDER
Não cheguem tão perto da caixa.

Ele faz gestos para que se afastem. Entra Mulberry, o proprietário da casa.

MULBERRY
O que está havendo com o meu aluguel?

SNYDER
Meus queridos Boinas Pretas, caro Senhor Mulberry, estimado auditório! No que diz respeito à difícil questão das finanças, uma boa causa fala por si, embora necessite de alguma publicidade. Até agora, a nossa pregação tem se dirigido aos pobres e aos paupérrimos, na suposição de que os mais necessitados da Ajuda Divina seriam também os mais abertos à palavra de Deus, além de formarem uma grande massa, que é o que resolve. Inexplicavelmente a experiência nos tem mostrado que estas camadas sociais manifestam bastante dureza em relação ao Senhor. É possível, contudo que procedam assim porque não têm nada de seu. Por via das dúvidas eu, Paulus Snyder, resolvi convocar em vosso nome as famílias prósperas e cotadas de Chicago, para que nos ajudem sábado próximo, quando tentaremos uma ofensiva frontal contra a descrença e o materialismo nesta nossa cidade, sobretudo nas camadas ínfimas. O dinheiro que levantarmos servirá entre outras coisas para pagar o aluguel atrasado que o nosso prezado senhorio, Mr. Mulberry, tem tido a gentileza de não cobrar.

MULBERRY
Seria deveras bem-vindo, mas não seja por isso.

SNYDER
Bem, agora vamos todos ao trabalho, alegremente, e esfreguem, sobretudo o saguão da entrada.

Os Boinas Pretas saem.

SNYDER *aos pobres*
Digam, os trabalhadores continuam pacientes? Eles ainda não estão dizendo coisas subversivas contra o locaute?

DONA LUCKERNIDDLE
Desde ontem a gritaria é grande, porque eles souberam que as fábricas receberam encomendas.

GLOOMB
Muitos já estão dizendo que sem violência não haverá trabalho nunca mais.

SNYDER *consigo mesmo*
As circunstâncias são favoráveis. Se os magnatas da carne forem recebidos a pedradas e se refugiarem aqui, vão nos dar ouvidos. *Aos pobres* Vocês podiam pelo menos cortar a nossa lenha!

OS POBRES
Não tem mais lenha, Seu Major.

Entrada dos magnatas Crídle, Graham, Meyers e do corretor Slift.

MEYERS
É isto que eu me pergunto, Graham: onde está o boi?

GLOOMB
Eu me pergunto a mesma coisa: onde estará o boi?

SLIFT
Eu também.

GRAHAM
Não diga, também você? A mesma coisa o Bocarra?

SLIFT
A mesma coisa o Bocarra.

MEYERS
Anda por aí um suíno que está comprando tudo
E que bem sabe que temos compromisso
Passado em cartório de entregar carne enlatada
E que, portanto precisamos do boi.

SLIFT
Quem será?

GRAHAM *dá-lhe um soco no estômago*
Brincalhão!
Você quer enganar alguém? Diga ao Pedrinho
Que desta vez pode não dar certo
Ele pôs o dedo no nervo da vida.

SLIFT *a Snyder*
Vocês o que querem de nós?

GRAHAM *dá-lhe outro soco*
O que será que eles querem, Slift?

Slift exagera no gesto de quem dá dinheiro.

GRAHAM
Você acertou, Slift

MEYERS *a Snyder*
Pode mandar bala! Eles se sentam nos genuflexórios.

SNYDER *no púlpito*
Nós, os Boinas Pretas, soubemos que há cinqüenta mil homens parados e sem trabalho nos matadouros. E também que vários já estão reclamando, dizendo que está na hora de fazerem alguma coisa. Aliás, quando este ou aquele busca os culpados pelo

desemprego dos cinqüenta mil, o nome dos senhores vem à baila. Eles vão acabar lhes tirando as fábricas e dizendo: vamos fazer como os bolcheviques e tomar as fábricas em nossas mãos para que todos tenham trabalho e comida. Pois hoje é voz corrente que a desgraça não é natural como a chuva e que ela é organizada por uns poucos que tiram proveito dela. Bem entendido, a intenção dos Boinas Pretas é dizer aos pobres que a desgraça é inevitável sim senhor, como a chuva, que ninguém explica de onde vem, e que o sofrimento é o destino deles, pelo qual mais adiante serão recompensados.

OS TRÊS INDUSTRIAIS
Para que falar em recompensa?

SNYDER
A recompensa de que falamos é paga depois da morte.

OS TRÊS INDUSTRIAIS
Quanto vocês querem pelo serviço?

SNYDER
Oitocentos dólares por mês, para pagar a sopa quente e a música chamativa. Em nossa pregação prometeremos também que os ricos serão castigados quanto estiverem mortos.

Os três riem às gargalhadas

SNYDER
E tudo isto por apenas oitocentos dólares por mês!

GRAHAM
Para que tanto, rapaz. Peça quinhentos!

SNYDER
Setecentos e cinqüenta ainda seria possível, desde que...

MEYERS
Setecentos e cinqüenta já é mais razoável. Enfim, digamos quinhentos.

GRAHAM
Vocês não podem deixar por menos de quinhentos. *Aos outros* É a quantia certa.

MEYERS *à frente*
Confessa, Slift, as boiadas estão com vocês.

SLIFT
Bocarra e eu não compramos um tostão de gado, tão certo como eu estar sentado aqui. Deus está de prova.

MEYERS *a Snyder*
Quinhentos dólares? É muito dinheiro. Quem vai pagar tudo isso?

SLIFT
E, o senhor precisa achar alguém que lhe dê isso tudo.

SNYDER
Claro, claro.

MEYERS
Não será fácil.

GRAHAM
Confesse, o Pedrinho está com os bois.

SLIFT *rindo*
É tudo malandro, doutor Snyder.

Todos riem, salvo Snyder.

GRAHAM *a Meyers*
O homem não tem senso de humor. Não estou gostando.

SLIFT
Vamos ao principal. De que lado o senhor está: do lado de cá da barricada, ou do lado de lá?

SNYDER
Os Boinas Pretas estão acima do conflito, senhor Slift. Portanto, do lado de cá.

Entra Joana.

SLIFT
Chegou a nossa Santa Joana do Mercado de Carnes!

OS INDUSTRIAIS *gritando com Joana*
Não estamos nada satisfeitos com a senhora, nada; por que a senhora não leva um recado nosso ao Bocarra? Consta que a senhora é influente e que ele come na palma de sua mão. Ocorre que não há boi na praça e que desconfiamos do Bocarra. E verdade que ele faz tudo que a senhora pede? Diga a ele para desentocar as boiadas. Olhe, se a senhora conseguir, pagamos quatro anos de aluguel aos Boinas Pretas.

JOANA *viu os pobres e assustou-se*
O que vocês estão fazendo aqui?

DONA LUCKERNIDDLE *vem à frente*
Os vinte almoços estão comidos.
Não se enfureça por me ver de novo aqui.
Com prazer eu desapareceria de sua vista.
E isto a crueldade da fome, que satisfeita
Embora, não deixa de voltar.

GLOOMB *vem à frente*
Eu te conheço, fui eu quem insistiu
Para que você trabalhasse na fresa
Que me levou o braço. Hoje eu faria coisa pior.

JOANA
Por que vocês não estão trabalhando? Se eu arranjei trabalho para vocês!

DONA LUCKERNIDDLE
Pois sim, os matadouros estão fechados.

GLOOMB
Correu que eles iam ser abertos, mas não foram.

JOANA aos industriais
Eles então continuam à espera?
Os industriais se calam.
E eu pensando que estivessem abrigados.
Estão debaixo de neve há sete dias
E esta mesma neve que os mata os esconde
Da vista dos outros homens. Que tão facilmente
Eu pudesse esquecer o que todos gostamos de esquecer
Para estarmos tranqüilos! Basta alguém dizer
Que o pior já passou e ninguém
Faz questão de verificar.
Aos industriais.
Pois o Bocarra não comprou carne de vocês? Comprou, a meu

pedido! E nem assim vocês abrem as suas fábricas?

OS TRÊS INDUSTRIAIS
Não tem dúvida, nós quisemos abrir.

SLIFT
Mas antes disso vocês querem depenar os criadores!

OS TRÊS INDUSTRIAIS
Como vamos começar o abate, se não há boi na praça?

SLIFT
Quando compramos carne de vocês, o Bocarra e eu supusemos que vocês fossem retomar o trabalho, e que os trabalhadores em conseqüência pudessem comprar essa mesma carne. Agora quem vai comer a carne que nós compramos de vocês? Para quem compramos carne, se os que têm estômago não têm dinheiro?

JOANA
Já que a ferramenta de trabalho dessa gente são as imensas fábricas e instalações que vocês controlam, pelo menos deixem o trabalhador entrar, porque senão ele está liquidado, o que aliás não deixa de ser urna exploração, e se os míseros, acuados até onde é possível, não vêem saída salvo o cacete, para dar na cabeça de seus perseguidores, aí então vocês enchem as calças, eu já notei, aí se lembram da religião, para botar panos quentes, mas Deus ainda tem amor-próprio e não vai servir de criado para limpar a imundície que vocês deixaram. Eu me mato de correr entre uns e outros, convencida de que ajudando em cima ajudava também os que estão por baixo, como se houvesse uma espécie de unidade e todos remassem no mesmo barco, mas fui uma grandíssima tonta.
Para ajudar os que são pobres, parece que só mesmo contra vocês. Mas é verdade então que vocês não têm respeito nenhum pelo semblante humano? Nesse caso, pode ocorrer que vocês próprios já não sejam reconhecidos como humanos, que sejam vistos como feras, as quais é preciso caçar no interesse da ordem e da segurança pública! Vocês só têm a coragem de vir à casa de Deus porque estão cheios de ouro, ganho todos nós sabemos onde e como, desonestamente. Mas vocês bateram à porta errada, vocês têm que ser expulsos daqui, expulsos a pau. Sim senhores, não façam essa cara, um homem não deve ser tratado como um bicho, mas vocês não são homens, fora daqui, e depressa, que senão eu faço uma bobagem, não me segurem, eu sei muito bem o que estou fazendo, infelizmente durante muito tempo eu não soube.

Joana utiliza o cabo da bandeira para expulsá-los. Os Boinas Pretas aparecem nas portas.

JOANA
Fora daqui! Vocês querem transformar a casa de Deus num chiqueiro? Numa segunda Bolsa de Carnes? Fora daqui! Vocês não têm nada que pôr os pés aqui. Não queremos ver essas caras aqui. Você são indignos e eu ponho vocês para fora. Apesar do seu dinheiro!

OS TRÊS INDUSTRIAIS
Como não. Mas conosco vão-se embora, modesta e irreversivelmente, quarenta aluguéis mensais. Menos mal, pois todo tostão nos será necessário, aproximam-se tempos tremendos, nunca vistos no mercado de carnes.

Saem os industriais e Slift, o corretor.

SNYDER *correndo atrás deles*
Fiquem, meus senhores, não vão embora, ela não tem procuração de ninguém! E uma pobre infeliz! Ela vai ser despedida! Ela fará o que os senhores mandarem!

JOANA *aos Boinas Pretas*

Ficou tudo um pouco esquerdo por causa dos aluguéis. Mas isto pouco importa. A Dona Luckerniddle e a Gloomb Sentem-se aqui atrás, eu vou trazer uma sopa para vocês.

SNYDER *de volta*
Vai, convida os pobres para a ceia e serve
Água de chuva e belas palavras
Uma vez que também o céu não lhes traz consolo
Uma vez que também o céu só lhes traz neve.
Sem qualquer humildade soltaste
As rédeas ao teu primeiro impulso! Nada
Mais fácil que expulsar o impuro com altivez.
Você torce o nariz para o pão que nós precisamos comer.
Você não só pergunta como ele foi feito, como
Ainda por cima quer um pedaço. Vai, angélica
Sai na chuva e continua a ser justa perdida na neve!

JOANA
Isso quer dizer que eu devo tirar o meu uniforme?

SNYDER
Devolva o seu uniforme e faça a sua mala! Saindo desta casa você leva essa gentinha que você nos trouxe. Você atraiu só gentinha e escória, e agora vai fazer parte dela. Vá buscar as suas coisas.

Joana sai e volta com uma pequena mala. Está vestida como uma moça pobre do interior.

JOANA
Saio em busca do rico Bocarra, a quem
Os pavores e os bons sentimentos assaltam
Para que ele nos ajude. Não voltarei
A vestir uniforme nem esta boina preta
Nem voltarei a esta casa querida
Dos cânticos de graça e das iluminações enquanto
Não tiver ganho e convertido à nossa causa
Integralmente o rico Bocarra.
Embora o dinheiro como um câncer maligno
Possa ter deformado o ouvido e a própria compleição
Humana dos ricos de modo a exilá-los e torná-los
Surdos nas suas alturas aos gritos da aflição!
Pobres aleijões!
No meio dos quais, ainda assim, há de se encontrar um justo!

Sai.

SNYDER
Pobre ignorante!
E isso que você não vê: integrados
Em campos colossais defrontam-se
Patrões e empregados
Frentes em luta: não há conciliação.
Vai, corre de um campo a outro, conciliadora e mediadora
Não serve a nenhum e naufraga.

MULBERRY *entrando*
Vocês já estão com o dinheiro?

SNYDER
Como se Deus não tivesse com que pagar o aluguel desta sua modesta morada na terra, aluguel que está caro, Mr. Mulberry.

MULBERRY
Pagar, exatamente, é disso que se trata! O senhor disse a palavra certa, Mr. Snyder! Se Deus que está no céu paga, muito bem. Mas se não paga, não dá. Se Deus não pagar o aluguel até sábado de noite, Ele vai para a rua. Estamos entendidos?

VIII.

DISCURSO DE PEDRO PAULO BOCARRA SEGUNDO O QUAL O CAPITALISMO E A RELIGIÃO SÃO INDISPENSÁVEIS

Escritório de Bocarra.

BOCARRA
Agora, Slift, chegou o dia
Em que o bondoso Graham e os outros
Todos que especulavam na baixa
Serão obrigados a comprar a carne
Que eles nos devem.

SLIFT
Eles não vão pagar barato, porque
Tudo que muge nos mercados de Chicago neste dia de hoje
É gado nosso.
E os suínos que eles nos devem somos nós
Quem vai lhes vender. Aí vai sair caro.

BOCARRA
E agora solta a matilha de teus compradores, Slift!
Para que enervem o mercado com a sua busca furiosa
De tudo que lembre de perto ou de longe uma vaca
Ou um porco a fim de empurrar os preços para cima.

SLIFT
Há novidades da tua Joana?
No mercado de carne
Corre o boato de que você dormiu com ela.
Desmenti categoricamente. Desde que ela nos expulsou
A todos do templo, não se ouviu mais falar nela
É como se a escura e tremenda Chicago a tivesse engolido.

BOCARRA
Gostei da simplicidade
Com que ela pôs vocês para fora. Aquela não tem medo de nada
E se acaso eu estivesse lá
Também seria posto na rua, é o que eu amo
Nela, é o que amo naquela casa
E que gente como eu eles não admitem.
Slift, empurre o preço para oitenta, vamos reduzir estes Grahams
A mingau, onde afundaremos o nosso pé
Só pelo gosto de recordar o seu molde.
Eu não solto um grama de carne pois
Desta vez lhes tiro o couro definitivamente
Como é do meu natural.

SLIFT
Alegra-me, Bocarra, que você tenha vencido
A fraqueza dos dias passados. E agora
Vou ver como eles compram gado.

Slift sai.

BOCARRA
O certo seria arrancar de vez o couro
A esta cidade maldita para explicar
O negócio da carne à rapaziada.
Gritarão depois que foi "criminoso".

Entra Joana com uma mala.

JOANA
Bom-dia, Mister Bocarra. O senhor é difícil de encontrar. Por

enquanto vou deixar as minhas coisas ali. É que não estou mais com os Boinas Pretas. Houve desentendimentos entre nós. Aí achei que era uma ocasião para procurar Mister Bocarra. Agora que não tenho o desgaste do trabalho missionário, me sobra mais tempo para os casos individuais. E penso, com sua licença, me ocupar um pouco do senhor. Sabe, eu já havia notado que o senhor é mais aberto que muitos outros. Estes sofás antigos são os melhores. Para que o lençol em cima? Nem dobrado direito ele está. O senhor dorme aqui mesmo no escritório? Eu pensava que morasse num daqueles palacetes. *Bocarra se cala*. Mas o senhor tem toda a razão, economia se faz nas pequenas coisas como nas grandes, mesmo sendo o rei dos frigoríficos. Não sei por que, quando vejo o senhor me vem à cabeça o episódio de Deus nosso Pai que busca Adão no paraíso e chama: "Adão, onde estás?". O senhor está lembrado? *Ela ri.* Adão, para variar, está escondido atrás de umas moitas, enfiado até os cotovelos no sangue de uma novilha, e é nesse estado que ele ouve a voz de Deus. Ele faz de conta que não está ali. Mas Deus não deixa por menos e insiste: "Adão, onde estás?". E Adão, mortificadíssimo e com as faces em fogo, responde: "Você me busca logo agora que matei a novilha. Não diga nada, eu sei muito bem, eu não devia ter feito isso". Enfim, a sua consciência hoje talvez não esteja comprometida, hem Mister Bocarra?

BOCARRA
A senhora então não está mais com os Boinas Pretas?

JOANA
Não estou. E meu lugar também não é mais lá.

BOCARRA
E a senhora tem vivido de quê?

Joana cala.

BOCARRA
Tem vivido de nada. Faz tempo que a senhora não está com os Boinas Pretas?

JOANA
Oito dias.

BOCARRA *soluça no fundo da cena*
Transformada a esse ponto, em só oito dias!
Onde esteve? Com quem falou? O que terá sido
Isto de que falam as marcas no seu rosto?
A cidade
De onde ela vem, eu ainda não a conheço.
Ele traz comida numa bandeja.
Vejo você muito transformada, olhe aqui um prato.
Eu não vou comer.

Joana olha a comida.

JOANA
Mister Bocarra, depois que expulsamos os ricos de nossa casa...

BOCARRA
... o que eu apreciei muito e achei justo...

JOANA
... o proprietário dela, que vive do aluguel, disse que nos despeja sábado que vem.

BOCARRA
Sei, e a situação econômica dos Boinas Pretas piorou?

JOANA
É isso, e achei que a ocasião era boa para procurá-lo. Ela começa a comer com sofreguidão.

BOCARRA
Não tem dúvida. Eu vou ao mercado e levanto o dinheiro que for preciso. Vou mesmo, e digo mais, eu levanto esse dinheiro nem que seja para arrancar o couro à nossa cidade. Eu faço isso por vocês. O dinheiro naturalmente está caro, mas eu levanto.Vai ser tudo conforme o seu gosto.

JOANA
Sim, mister Bocarra.

BOCARRA
Você vá até lá e diga a eles que o dinheiro sai, até sábado ele sai. O Bocarra vai levantá-lo. Diga que ele acaba de ir ao mercado de carnes para levantá-lo. Faltou sorte na questão dos cinqüenta mil desempregados, não foi o que nós queríamos. Não deu para arranjar o trabalho para eles na hora. Mas para você eu faço uma exceção: os seus Boinas Pretas serão poupados, eu levanto esse dinheiro. Vá e diga isso a eles.

JOANA
Vou, mister Bocarra!

BOCARRA
Está aqui no papel, por escrito. Tome.
Também eu lamento que eles estejam parados
Nos matadouros esperando por um trabalho que não é bom.
Cinqüenta mil
Espalhados pêlos pátios e que nem de noite saem mais daqui.
Joana pára de comer.
O fato é que neste negócio
Se trata do ser e do nada: ou
Sou o mais forte de minha classe ou
Desço eu mesmo pelo corredor sem luz que vai ao matadouro.
E se isto não bastasse a escória está de volta em todos os pátios
Criando caso.
E agora, para dizer as coisas como elas são, quisera
Ouvir, nas suas palavras, que está certo o que eu faço
E que o meu negócio não é contra a natureza: em suma
Você atesta que eu segui o seu conselho
Encomendando carne ao cartel da carne e também
Aos criadores e que portanto eu fazia o bem. Como
Sei perfeitamente que vocês são pobres
E logo agora um proprietário os quer deixar sem teto
Darei a minha contribuição inclusive nesse ponto: como prova
Cabal de minha boa vontade.

JOANA
Quer dizer que os trabalhadores continuam diante das fábricas esperando?

BOCARRA
Por que você é contra o dinheiro? E fica
Tão mudada quando ele falta!
O que pensa você do dinheiro? Diga
Eu quero saber, e não pense erradamente
Como os tontos que o dinheiro torna
Suspeitosos. Considere a realidade
A verdade chã, pouco agradável talvez, mas
Verdade, a completa instabilidade das coisas, entregues quase
Ao acaso, como a espécie humana a ventos
E tempestades. Ao passo que o dinheiro
Algo pode, ainda que só para alguns
Poucos, isto sem esquecer: que tremenda é a sua obra!
Levantada em tempos imemoriais, mas sempre recomeçada

Porque sempre desmoronando, gigantesca mesmo assim, verdade
Que exigindo interminável sacrifício, sempre dificílima
[de erguer
E sempre sendo erguida, contra tudo muito embora inevitável
Arrancando o possível à adversidade do planeta, seja
possível qual for, muito ou pouco, e por isto
Abraçada sempre pêlos melhores. Pois entenda, mesmo
Se eu que sou bastante crítico e perco o sono quisesse
Saltar fora, seria
Como o inseto que deixa a luta contra a maré. Transformado
Em nada instantaneamente eu me veria
Tragado pelo curso das coisas seguindo adiante.
E não fosse assim, teria tudo que ser demolido até
[o fundamento
E modificado o plano da obra também até o fundamento
[conforme
Uma estimativa inteiramente diversa e inédita dos humanos
[que vocês
Não querem e nós tampouco pois tudo se passaria sem nós
[nem Deus, o qual
Seria abolido porque completamente sem função. Por isso vocês
Não podem ficar de fora, e ainda que dispensados de abater
Diretamente, coisa que nem pedimos que façam
Terão de dizer sim de viva voz ao sacrifício.
Resumindo: vocês têm
Que recolocar Deus em pé
A única salvação
Batendo os tambores em seu nome
Para que ele tome alento nos subúrbios da miséria
E nos matadouros a voz dele seja ouvida.
Isto seria suficiente.
Ele lhe entrega o papel.
Aceite o que lhe dão, mas saiba
Com que fim foi dado! Aqui está o recibo, são quatro anos
[de aluguel.

JOANA
Mister Bocarra, o que o senhor acaba de me dizer eu não
[entendo
Nem quero entender.
Ela se levanta.
Eu sei que deveria estar alegre pois ouvi
Que vão ajudar a Deus, porém: eu
Estou entre aqueles a quem
Esta ajuda não ajuda. A quem não chegou
Ajuda alguma.

BOCARRA
Vai, entrega este dinheiro aos Boinas Pretas e serás
Uma deles novamente, esta vida sem arrimo
Não te faz bem. Acredita
Eles querem o dinheiro, e é bom que seja assim.

JOANA
Se os Boinas Pretas
Aceitarem o seu dinheiro, muito bem, mas
Quanto a mim fico entre os que esperam nos matadouros
Até que as fábricas abram os portões, eu vou
Comer o que eles comem, se for neve, será neve, e quero
Que o trabalho deles seja o meu trabalho porque também eu
Não tenho dinheiro e não tenho outra maneira de ganhá-lo
Pelo menos honesta, e se não houver trabalho
Que não haja também para mim
E se o senhor que vive da pobreza
E não suporta ver os pobres e condena
O que desconhece e se arranja
Para não ver o que condenou
O que condenado está nos matadouros sem apelação:

Se o senhor quiser me ver daqui por diante será
Nos matadouros.

Ela sai.

BOCARRA
Portanto, Bocarra, hoje à noite
A cada tanto sai da cama e vai
Ver à janela se está nevando
E se estiver
É ela que está na neve, ela, que você conhece.

IX

a.
TERCEIRA DESCIDA DE JOANA ÀS PROFUNDEZAS: A NEVASCA

Região dos matadouros.
Joana. Gloomb e Dona Luckerniddle estão com ela.

Joana
Ouçam o que sonhei uma noite
Sete dias atrás.
Vi diante de mim um terreno vazio
Pequeno até para um jogo de peteca
Porque apertado entre edifícios enormes, e neste terreno
Um bolo humano de número indeterminado, mas
Maior que o número de pardais que se pudessem reunir
Em praça tão pequem, um bolo portanto
Muito compacto, a ponto de o terreno vergar nas bordas
E embarrigar no meio, com risco
De a massa escorrer, mas
Ela resiste, visivelmente pulsando em si mesma
Até que uma palavra a mais lançada em qualquer parte
E de conteúdo também qualquer a transforma em torrente.
Agora eu via cortejos, ruas, ruas conhecidas, Chicago! Vocês!
Via vocês marchando, e depois me vi a mim.
Eu ia à frente de vocês, muda e marchando
A passo marcial, a fronte ensangüentada
E lançando palavras de sonoridade guerreira numa língua
Que desconheço, e como os cortejos fossem muitos
E viessem de muitos lados ao mesmo tempo
Eu vinha à frente de todos eles em numerosas encarnações:
Moça e velha, em prantos e tremenda
E, sobretudo, fora de mim mesma! Virtude e terror!

Transformando tudo o que meu pé tocava
Causando imensa destruição, influindo palpavelmente
No curso dos astros, mas transformando também
A fundo as ruas mais vizinhas, conhecidas de todos nós.
Assim avançava o cortejo e eu com ele
Envolta em neve que me ocultava ao ataque inimigo
Transparente quase de fome e, portanto inalvejável
Jamais localizada por viver sem domicílio
E superior a qualquer tortura por habituada
A todas. E assim marcha o cortejo abandonando
A praça insustentável, trocando-a por outra, pouco importa qual.
Este o meu sonho.
Hoje vejo a interpretação.
Antes que amanheça nós
Deixaremos estes pátios
E quando clarear estaremos na Chicago deles
Mostrando em praça aberta a extensão de nossa miséria
E interpelando tudo que se assemelhe a um ser humano.
O que será depois não sei.

GLOOMB *a Dona Luckerniddle*
A senhora entendeu o que ela disse? Eu não.

DONA LUCKERNIDDLE
Se ela não falasse tanto, nós agora estaríamos comendo sopa na casa dos Boinas Pretas, que é aquecida!

b.
A BOLSA DE CARNES

BOCARRA *aos industriais*
Os amigos de Nova York me escrevem
Que a lei tarifária do Sul
Acaba de cair.

OS INDUSTRIAIS
Ai de nós, a lei tarifária cai, e nós
Sem carne para vender! A nossa já está vendida
A preço baixo, e agora teremos de comprá-la na alta!

OS CRIADORES
Ai de nós, a lei tarifária cai, e nós
Sem gado para vender! O nosso já está vendido
A preços baixos!

OS PEQUENOS ESPECULADORES
Ai de nós! Eternamente indevassáveis
São as eternas leis
Da economia humana!
Imprevisto
O vulcão despeja lava e destrói uma província!
Repentina
A terra lucrativa emerge das águas revoltas!
Ninguém preparado, ninguém sabendo de nada! O último
Que ficar no entanto é mordido pêlos cachorros!

BOCARRA
Já que é forte a procura
De carne enlatada a preço aceitável
Exijo que me entreguem rapidamente
A carne em lata que me devem
Conforme o nosso contrato.

GRAHAM
Ao preço antigo?

BOCARRA
Como combinado, Graham

Quarenta mil toneladas, se bem recordo
Um momento em que eu estava fora de mim.

Os industriais
Como comprar o gado agora se os preços estão subindo?
Anda por aí alguém que açambarcou tudo
E que ninguém conhece –
Bocarra, libera-nos deste contrato!

Bocarra
Infelizmente eu vou precisar das latas. E gado
De corte não falta, um pouco caro, está certo, mas
Não falta. É só comprar!

Os industriais
Comprar gado agora, Deus nos livre!

c.
UM BOTEQUIM NA REGIÃO DOS MATADOUROS

Trabalhadores e trabalhadoras, entre os quais Joana. Chega um comando de Boinas Pretas. Joana levanta e durante o que segue fará gestos desesperados de dissuasão.

Jackson, tenente dos boinas pretas *após uma cantoria apressada*
O sorriso de Jesus é mais forte que vinho
O sorriso de Jesus é melhor do que pão
Vem a nós, pecador, Jesus é a salvação. Aleluia!

Uma jovem Boina Preta prega aos trabalhadores e no entremeio faz observações aos colegas.

Marta, soldado dos boinas pretas (Vocês acham que adianta?) Irmãos e irmãs, esta que lhes fala também esteve perdida, como vocês, à beira da estrada e cheia de pensamentos negros, a carne em mim querendo só comer e beber. Mas com a graça de Deus encontrei Jesus, e a luz e a alegria se fizeram dentro de mim, e agora (Eles não prestam a menor atenção!), quando penso firmemente Nele, cuja dor nos redimiu de nossos muitos malfeitos, já não tenho sede nem fome, tenho sede e fome só da palavra de nosso Salvador. (Não adianta nada.) Onde Jesus está não está a violência, está a paz; não está o ódio, está o amor. (E inútil.) É por isto que lhes digo que a esperança existe!

Os boinas pretas
Aleluia! Jackson passa a latinha, mas as moedas não vêm.
Aleluia!

Joana
Não é possível dar um vexame destes, num frio destes
E ainda por cima fazer um discurso!
Realmente, estas palavras
Que amei outrora e me falavam ao coração
Penso que já não poderia mais suportá-las. Não haverá neles
Uma voz, um resto que lhes diga: você
Não se dá conta da neve e do vento? Cale essa boca!

Uma mulher
Deixa. Eles precisam falar, senão ficam sem a comida e o abrigo da noite. Eu bem que gostaria de estar lá!

Dona Luckerniddle
A música estava uma beleza!

Gloomb
Linda e curta.

DONA LUCKERNIDDLE
É gente muito boa.

GLOOMB
Gente boa e curta, para ser curto e grosso.

A MULHER
Por que será que eles não vêm aqui falar e converter a gente?

GLOOMB *faz um gesto de quem conta dinheiro*
A senhora também acha que a esperança existe, Dona Swingurn?

A MULHER
A música é muito bonita, mas eu esperava que eles nos dessem um prato de sopa. Eles não estavam com uma panela?

O TRABALHADOR *surpreso*
Vejam só, a senhora tinha mesmo essa esperança?

DONA LUCKERNIDDLE
É isso, o que conta é a realidade. Conversa eu já ouvi demais. Se certas pessoas tivessem calado a boca, eu teria onde ficar hoje à noite.

JOANA
Não existe gente aqui disposta a fazer alguma coisa?

O TRABALHADOR
Existe, os comunistas.

JOANA
Mas não são pessoas com intenções criminosas?

O TRABALHADOR
Não.

Silêncio.

JOANA
Onde é que eles estão?

GLOOMB
A Dona Luckerniddle sabe explicar.

JOANA *a Dona Luckerniddle*
É verdade que a senhora sabe?

DONA LUCKERNIDDLE
Antigamente, quando eu ainda não confiava em gente como a senhora, eu ia muito lá, por causa do meu marido.

d.
A BOLSA DE CARNES

OS INDUSTRIAIS
Estamos comprando carne! Novilhos!
Vitelos! Bois! Porcos!
Solicitamos ofertas!

OS CRIADORES
Não há o que vender. Tudo que era vendável
Nós já vendemos.

OS INDUSTRIAIS
Como não há? As estações de trem
Estão superlotadas de gado.

OS INDUSTRIAIS
De gado vendido.

OS INDUSTRIAIS
Vendido a quem?

Entra Bocarra. Os industriais atiram-se a ele.

OS INDUSTRIAIS
Não se consegue um só boi em Chicago!
Bocarra, você tem que nos dar um prazo!

BOCARRA
Nada feito. Vocês vão entregar a carne.
Ele se posta ao lado de Slift.
Eu quero que eles saiam daqui limpos.

UM CRIADOR
Oitocentos bois de Kentucky a quarenta!

OS INDUSTRIAIS
Impossível. Vocês estão loucos? Quarenta!

SLIFT
Eu aqui. A quarenta.

OS CRIADORES
Oitocentos bois para Sullivan Slift a quarenta.

OS INDUSTRIAIS
É o Bocarra! Nós não dizíamos? É ele!
O cachorro sinuoso, ele nos força a entregar a carne
Enlatada, mas açambarca os bois! Somos obrigados
[a lhe comprar
A carne de que precisamos para encher as latas dele próprio!
Carniceiro imundo! Toma, toma aqui a nossa carne, arranca um pedaço!

BOCARRA
Quem nasceu para carneiro não se espante quando é comido!

GRAHAM *quer avançar para cima de Bocarra*
Ele tem que ser liquidado, eu apago esse homem!

BOCARRA
Muito bem, Graham, agora eu quero as latas!
Entre você mesmo dentro delas.
Eu vou ensinar o negócio da carne a vocês, meus caros
Comerciantes. De agora em diante qualquer parte
[de qualquer bicho
No estado inteiro de Illinois será paga a mim e será bem paga
E para começar ofereço quinhentos bois a cinquenta e seis.
Silêncio.
E agora, porque a procura está fraca e vocês não precisam de bois
Eu vou deixar por sessenta! E por favor não esqueçam
As minhas latas!

e.
NOUTRA PARTE DOS MATADOUROS

Cartazes: "As vítimas do locaute da carne precisam da nossa solidariedade! Todo apoio à greve geral!". Diante de um galpão, dois homens da central sindical f alam a um grupo de trabalhadores. Chega Joana.

JOANA
São estes os homens que lideram a luta dos desempregados? Eu quero participar. Fui treinada para falar em praça pública e em

recintos fechados, mesmo que sejam grandes, não tenho medo de ser importunada, e acho que sou capaz de explicar bem uma causa que seja boa. Na minha opinião é preciso fazer alguma coisa já. E tenho sugestões.

O DIRIGENTE
Ouçam todos: os patrões até agora não mostraram a menor disposição de reabrir as fábricas. No começo parecia que o explorador Bocarra se empenhava na retomada da produção, isto porque cobrava a grande quantidade de conservas que por contrato os industriais lhe devem. Depois ficou claro que a carne de que eles precisavam para encher as latas estava nas mãos do próprio Bocarra, que não está a fim de soltá-la. Assim, sabemos que se depender dos patrões nunca mais haverá emprego para todos no matadouro, nem o salário será o mesmo. Nestas condições é preciso reconhecer que só a utilização da força nos pode ajudar. Pois bem, o pessoal dos serviços básicos da cidade nos prometeu aderir à greve geral até no máximo depois de amanhã. Esta informação tem que chegar depressa a todos os cantos do matadouro, para evitar que as massas, levadas pêlos boatos, deixem as fábricas e depois sejam forçadas a aceitar as condições dos patrões. Hoje mesmo os patrões vão espalhar uma porção de mentiras, dizendo que a situação está resolvida e que não haverá greve geral. Por isso é necessário que estas cartas que estão aqui e asseguram que os operários do gás, da água e da eletricidade vão aderir à nossa greve sejam entregues às pessoas de confiança que às dez da noite estarão em diversos pontos esperando a nossa palavra de ordem. Ponha esta carta embaixo do avental, Jack, e espere os emissários na porta da cantina.

Um trabalhador pega a carta e sai.

OUTRO TRABALHADOR
Pode me dar a carta para o pessoal da Graham, que eu conheço.

O DIRIGENTE
Rua Vinte e Seis, esquina com Michigan.

O trabalhador pega a carta e sai.

O DIRIGENTE
Rua Treze, em frente ao prédio da Westinghouse. *A Joana* Você quem é?

JOANA
Eu perdi o meu emprego.

O DIRIGENTE
Qual era o seu emprego?

JOANA
Eu vendia uma revista.

O DIRIGENTE
Para quem você trabalhava?

JOANA
Eu vendia por conta própria.

UM TRABALHADOR
Ela talvez seja tira.

O SEGUNDO DIRIGENTE
Não é não, eu a conheço, ela é dos Boinas Pretas e a polícia também sabe quem é. Ninguém desconfiaria dela. Acho que seria uma boa idéia, porque o ponto com o pessoal das fábricas Cridle já está vigiado. Nós não temos ninguém que dê menos na vista do que ela.

O PRIMEIRO DIRIGENTE
E quem te garante que ela entrega a nossa carta?

O SEGUNDO
Ninguém.
A Joana
Uma única malha
Basta para inutilizar uma rede:
Os peixes passam pelo furo
Como se não houvesse rede
E as outras malhas todas
Ficam sem préstimo.

JOANA
Eu vendia jornal na Rua Vinte e Quatro. Eu não sou tira. Estou com vocês de coração.

O PRIMEIRO DIRIGENTE
Como "está conosco"? Você não é uma de nós?

JOANA
Os industriais não podem botar tanta gente no olho da rua sem mais aquela, isso contraria o interesse geral. Parece até que a pobreza dos pobres interessa aos ricos! Fico pensando se a própria pobreza não será obra deles!

Grandes gargalhadas dos trabalhadores.

JOANA
Que coisa desumana! Estou pensando em gente até mesmo como o Bocarra.

Novas gargalhadas.

JOANA
Por que estas risadas? Acho muita malícia, e não acho certo. Vocês estão pensando, sem nenhuma prova, que um homem como o Bocarra não pode ser humano.

O SEGUNDO DIRIGENTE
Sem nenhuma prova, não. Entregue a carta a ela sem susto. É conhecida sua, Dona Luckerniddle? *Dona Luckerniddle confirma*. Ela é honesta, não é?

DONA LUCKERNIDDLE
Honesta ela é.

O PRIMEIRO dirigente *dá a carta a Joana*
Vá até o silo número cinco nas Indústrias Graham. Quando chegarem três trabalhadores procurando alguém, você pergunta se eles são das indústrias Cridle. A carta é para eles.

f.
BOLSA DE CARNES

OS PEQUENOS ESPECULADORES
A bolsa vai a pique! A indústria da carne em perigo!
Que será de nós, o pequeno investidor?
E de nossa poupança aplicada até o último tostão?
A classe média está abaladíssima!
Um tipo como este Graham merecia ser rasgado em pedacinhos
E jogado fora antes que transforme em lixo
O papel em que está a parte que nos toca
De seu negócio sangrento.
Comprem logo esse gado, comprem a qualquer preço!

Durante a cena inteira, ao fundo, o pregão das firmas em concordata. "Pedem concordata: Meyers & Cia." etc.

Os industriais
Nós não podemos mais, o preço está acima de setenta.

Os agentes
Cortem a cabeça deles, os cabeçudos não querem comprar!

Os industriais
Compramos dois mil bois a setenta.

Slift *a Bocarra, que descansa contra uma coluna*
Aperta mais.

Bocarra
Vejo que vocês não cumpriram
O nosso contrato que quanto a mim foi fechado
Para criar empregos. E agora ouço dizer
Que os trabalhadores continuam parados diante das fábricas.
Mas vocês vão se arrepender: quero já
As conservas que eu comprei!

Graham
Não pudemos fazer nada porque a carne desapareceu
Inteiramente do mercado!
Quinhentos bois a setenta e cinco.

Os pequenos especuladores
Comprem os bois, piranhas!
Eles não compram, eles
Preferem entregar as indústrias.

Bocarra
Não acho que devamos subir mais, Slift
Mais que isto eles não podem.
Está bem que eles sangrem, mas não
Que morram, se eles morrem
Estamos mortos nós também.

Slift
Eles podem sim, suba mais.
Quinhentos bois por setenta e sete.

Os pequenos especuladores
Setenta e sete.Vocês ouviram? Por que
Vocês não compraram a setenta e cinco? Agora
Já está a setenta e sete e vai subir mais.

Os industriais
O Bocarra nos paga cinqüenta a lata e nós não podemos lhe pagar o boi a oitenta.

Bocarra *perguntando a alguns*
Onde estão os homens que eu mandei ao matadouro?

Um
Um deles está ali.

Bocarra
Fala aí, seu.

O primeiro detetive *relata*
São massas, chefe, que a mente não concebe. Se eu chamasse por uma Joana, apareceriam dez ou cem. Estão ali esperando, sem cara e sem nome. E não é só isto, é que não dá para ouvir a voz de um indivíduo. Eles são muito numerosos, correndo de um lado para o outro e perguntando por parentes que desapareceram. Na região em que os sindicatos trabalham a inquietação é grande.

BOCARRA
Trabalham, quem? Os sindicatos? E a polícia deixa? Diabo! Você vai telefonar à polícia imediatamente, em meu nome, perguntando para que pagamos impostos. Peça a cabeça dos chefes da agitação, seja claro com eles.

Sai o primeiro detetive.

GRAHAM
Enfim, já que é para morrer, passa para cá
Bocarra, mil a setenta e sete, é o nosso fim.

SLIFT
Quinhentos a setenta e sete vendidos a Graham.
Tudo o mais a oitenta.

BOCARRA *de volta*
Slift, este negócio não está me divertindo mais.
Pode passar da conta. Até
Oitenta vá, mas a oitenta você entrega o peixe.
Eu quero ceder e desarrochar.
Chega. A cidade precisa retomar
O fôlego. E eu tenho outros cuidados
Slift, estes enforcamentos progressivos
Me divertem menos do que eu esperava.
Ele vê o segundo detetive.
Você achou a Joana?

O SEGUNDO DETETIVE
Não, não vi ninguém com o uniforme dos Boinas Pretas, são umas cem mil pessoas paradas no matadouro, o dia está escuro e não adianta chamar porque o vento confunde as vozes. Além disso, a polícia começou a evacuar os pátios e já estão atirando.

BOCARRA
Atirando? Em quem? Óbvio, eu sei.
É estranho, porque aqui não se ouve nada.
Em suma, ela não foi encontrada, ç estão atirando?
Corra até os orelhões, chame o Jimmy e diga a ele
Que não me telefone, senão vão dizer
Que fomos nós quem mandou atirar.

Sai o segundo detetive.

MEYERS
Mil e quinhentos a oitenta.

SLIFT
A oitenta só quinhentos.

MEYERS
Cinco mil a oitenta! Assassino!

BOCARRA *de volta à coluna*
Slift, estou me sentindo mal, ceda.

SLIFT
Nem pensar. Eles estão podendo. E se você fraqueja, Bocarra, eu subo o preço agora mesmo.

BOCARRA
Eu preciso de ar puro, Slift, dirija
Você os negócios. Para mim não dá mais. Siga
Sempre a minha filosofia. Prefiro entregar tudo
A causar algo de irreparável. Não vá
Além de oitenta e cinco! Mas sempre
Seguindo a minha filosofia. Você me conhece.

Ao sair ele dá com os jornalistas.

OS JORNALISTAS
Há novidades, Bocarra?

BOCARRA *saindo*
Divulguem nos matadouros que acabo de facilitar gado às fábricas, de modo que os bois agora existem. Senão vai haver violência.

SLIFT
Quinhentos bois a noventa.

OS PEQUENOS ESPECULADORES
Nós ouvimos que o Bocarra
Pedia só oitenta e cinco. O Slift não tem procuração.

SLIFT
Mentira.Vou ensinar vocês
A vender carne enlatada sem
Ter carne!
Cinco mil bois a noventa e cinco.

Gritaria.

g.
MATADOUROS

Pessoas esperando, entre as quais Joana.

ALGUÉM
Por que a senhora está aqui?

JOANA
Eu preciso entregar uma carta. Chegarão três pessoas. Entra um grupo de jornalistas conduzidos por um homem.

O HOMEM *apontando para Joana*
É aquela ali. *A Joana* Estes aqui são jornalistas.

OS JORNALISTAS
Oba, é você a Joana Dark dos Boinas Pretas?

JOANA
Não.

OS JORNALISTAS
Conforme a declaração dos escritórios Bocarra, você jurou que não sai dos matadouros enquanto as fábricas não abrirem. Leia aqui, veja que nós publicamos as suas palavras na primeira página, em manchete. *Joana vira a cara*. *Os jornalistas lêem em voz alta* Joana Dark, a Virgem dos Matadouros, afirma que Deus está solidário com os trabalhadores da indústria de carne.

JOANA
Eu não disse nada disso.

OS JORNALISTAS
Para a sua informação, senhorita, saiba que a opinião pública está do seu lado. Salvo alguns especuladores inescrupulosos, a cidade de Chicago inteira está vibrando com você. O sucesso dos Boinas Pretas vai ser enorme.

JOANA
Eu não faço mais parte dos Boinas Pretas.

Os jornalistas
O que é isto. Para nós a senhora estará sempre com os Boinas Pretas. Mas não se incomode conosco, ficaremos discretamente ali no fundo.

Joana
Eu quero que vocês saiam daqui.

Eles sentam a alguma distância.

Trabalhadores *atrás, nos matadouros*
Enquanto a aflição não chegar ao máximo
Eles não abrem as fábricas.
Quando a miséria tiver crescido
Eles abrirão as fábricas.
Mas eles têm que nos dar uma resposta.
Não saiam, esperem a resposta!

Contracoro *também atrás*
Errado! A miséria aumente quanto quiser:
Eles não abrem as fábricas!
Não abrem enquanto não aumentar o lucro.
A resposta eles darão
Com canhões e metralhadoras.
Só nós mesmos podemos nos ajudar.
Podemos pedir ajuda
Só a nossos iguais.

Joana a Dona Luckerniddle
A senhora também pensa assim?

Dona Luckerniddle
Penso. É a verdade.

Joana
Olho este sistema, por fora
É meu velho conhecido, o funcionamento é que eu
Não via! Alguns poucos em cima
Outros muitos embaixo, e os de cima chamando
Os de baixo: venham para o alto, para que todos
Estejamos em cima, mas olhando melhor você vê
Algo de encoberto entre os de cima e os de baixo
Algo que parece uma pinguela, mas não é
E agora você vê perfeitamente
Que a tábua é uma gangorra, este sistema todo
É unia gangorra cujas extremidades
São relativas uma à outra, os de cima
Estão lá só porque e enquanto os demais estão embaixo
E já não estariam em cima se acaso os outros
Deixando o seu lugar subissem, de sorte que
Necessariamente os de cima desejam que os de baixo
Não subam e fiquem embaixo para sempre.
É necessário também que os de baixo sejam em número
Maior que os de cima, para que estes não desçam.
Senão não seria uma gangorra.

Os jornalistas se levantam e vão para o fundo, pois receberam uma noticia.

Um trabalhador
Você tem conversa com essa gente?

Joana
Eu não.

Um trabalhador
Mas eles estavam falando com você.

JOANA
Eles me confundiram com outra pessoa.

UM VELHO
A senhora está morrendo de frio. Quer um gole de uísque? *Joana bebe* Devagar aí! Está pensando que é água?

UMA MULHER
Pouca vergonha!

JOANA
A senhora disse alguma coisa?

A MULHER
Disse, pouca vergonha! Avançar no uísque do velho!

JOANA
A senhora devia cuidar da sua vida, em vez de dizer bobagens. E o meu cachecol, desapareceu? Mais esta agora, eles me roubaram. É o que faltava, me roubaram o cachecol! Quem pegou o meu cachecol? E favor devolver aqui. *Ela arranca o saco com que uma mulher a seu lado cobre a cabeça. A mulher se defende.* Foi a senhora, sim. Não minta, e dê aqui o saco.

A MULHER
Socorro, ela vai me matar.

UM HOMEM
Calma!

Alguém atira um trapo a Joana

JOANA
Se dependesse de vocês eu ficaria sem roupa aqui no frio.
Não fazia tanto frio no meu sonho. Quando
Vim para aqui com grandes planos fortalecida
Aliás por sonhos, eu não sonhava que aqui
Pudesse fazer tanto frio. Agora de tudo
O que mais me faz falta é só o meu cachecol.
Para vocês é fácil passar fome, vocês não têm o que comer
Mas eu tenho uma sopa me esperando.
Para vocês é fácil passar frio
Mas eu é só querer e sempre posso
Voltar para a sala aquecida
Pegar na bandeira e bater o tambor
E falar NELE que mora atrás das nuvens.
Vocês o que têm a perder? Eu perdi
Não foi só a vocação, foi o ofício
Não foram apenas hábitos educados, foi um emprego
Sofrível com casa, comida e salário.
De fato me parece quase teatro, indigno
Portanto, eu ficar aqui
Sem necessidade absoluta. Mas apesar disso
Não tenho o direito de ir embora ainda que francamente
Eu tenha a garganta apertada pelo medo
De não comer, de não dormir, de não ver saída;
Fome pura e simples, frio vulgar e
Sobretudo o desejo de sair daqui.

TRABALHADOR
Fiquem aqui! Venha o que vier
Não se dispersem!
Só ficando unidos
Vocês podem se ajudar!
Saibam que vocês são traídos
Pêlos seus aliados mais eloqüentes
E pêlos seus sindicatos, que foram comprados.
Não creiam em ninguém, não creiam em nada

Mas examinem toda proposta
Que leve à transformação real. E, sobretudo aprendam
Que, se não for à força, não vai Nem vai se a força não for de vocês.

Os jornalistas voltam.

OS JORNALISTAS
Alô, menina, o seu sucesso é imenso: acabamos de saber que o milionário Pedro Paulo Bocarra, em cujas mãos se encontram grandes estoques de gado, resolveu facilitá-los aos matadouros, a despeito da alta dos preços. Nestas circunstâncias o trabalho dos matadouros recomeçará amanhã.

JOANA
Feliz notícia!

DONA LUCKERNIDDLE
Estas são as mentiras de que falavam os nossos. Felizmente a verdade está escrita na carta que trazemos.

JOANA
Vocês ouviram, vai haver trabalho!
A dureza no peito deles cedeu. Pelo menos
O justo dentre eles
Não falhou. Interpelado humanamente
Ele respondeu humanamente. Existe
Portanto a bondade.
Ao longe ouvem-se metralhadoras.
Que ruído t este?

UM REPÓRTER
É o exército que está evacuando os matadouros, porque agora que as fábricas vão abrir é preciso calar a boca dos agitadores que estão pregando a violência.

UMA MULHER
Será que é melhor ir para casa?

UM TRABALHADOR
Como sabemos se é verdade que vai haver trabalho?

JOANA
Por que não será verdade, se estas pessoas estão dizendo? Ninguém vai brincar com uma coisa destas.

DONA LUCKERNIDDLE
Não diga bobagens, você não entende nada. De certo é porque ainda não te deixaram bastante no frio. *Ela se levanta.* Eu vou rápido até o nosso pessoal para avisar que as mentiras já chegaram. Você fica aqui com a carta e não se mexa, ouviu?

Ela sai.

JOANA
Mas estão atirando.

UM TRABALHADOR
Pode esperar sossegada, os matadouros são grandes, o exército vai levar um tempo até chegar aqui.

JOANA
Quanta gente está nesses pátios?

OS JORNALISTAS
Devem ser cem mil.

JOANA
Tantos?

Esta é uma escola desconhecida, uma sala de aula ilegal
Toda cheia de neve onde a tome é professora e intratavelmente
Fala da necessidade a necessidade!
Cem mil alunos, qual é a lição?

TRABALHADORES *ao fundo*
Se vocês ficarem ombro a ombro
Eles vão massacrar vocês.
O nosso conselho é ficar ombro a ombro!
Se vocês lutarem
Os tanques deles vão destroçar vocês.
O nosso conselho é lutar!
Esta luta será perdida
E talvez a próxima também
Seja perdida.
Mas vocês aprendem a luta
E ficam sabendo
Que, se não for à força, não vai
Nem vai se a força não for de vocês.

JOANA
Alto, parem de aprender!
Estas lições são gélidas!
Combatam, sim, a desordem e a confusão
Mas não pela violência.
Embora a tentação seja forte!
Mais uma noite destas e mais uma destas
Asfixias silenciosas e mais
Ninguém saberá se conter. E certo que já vocês
Passaram muitas noites de muitos anos
Juntos aprendendo
Estas lições frias e tremendas. É certo também que se somam
A violência à violência no escuro
E o fraco ao fraco e que os atritos sem solução
Também se somam.
Mas a mistura que ferve neste caldeirão será
Para a boca de quem?
Eu vou embora. Não pode ser bom o que se faz com violência. Meu lugar não é com eles. Se na infância, a fome e o pontapé da miséria me tivessem ensinado a brutalidade, eu seria um deles e não perguntaria nada. Mas como não é o caso, eu não posso ficar.

Ela contínua sentada.

OS JORNALISTAS
Nós agora te aconselhamos a deixar os matadouros. O teu sucesso foi grande, mas o assunto agora está esgotado.

Saem. Uma gritaria vem avançando do fundo. Os trabalhadores se levantam.

UM TRABALHADOR
Pegaram os dirigentes da greve!

Os dois dirigentes operários passam algemados, conduzidos por detetives.

O TRABALHADOR *ao dirigente algemado*
Calma, William, amanhã é outro dia.

OUTRO TRABALHADOR *depois de passado o grupo*
Gorilas!

O TRABALHADOR
Se eles pensam que vão impedir alguma coisa estão enganados. Já estava tudo organizado há muito tempo.

Numa visão, Joana vê a si mesma como criminosa e estranha ao universo comum.

JOANA
Eles me confiaram a carta, por que
Estão algemados? O que
Estará dito nesta carta? Eu não quereria fazer
Nada que tivesse de ser feito com violência
E conduzisse à violência. Tipos assim
Buscam o próximo sempre com malícia
E fora de qualquer reciprocidade normal
Entre humanos. Não sendo mais parte
De coisa alguma eles não enxergam mais saída
Neste mundo não mais familiar. O curso
Dos astros acima de sua cabeça já não seria o de sempre.
E as próprias palavras pareceriam mudadas. A inocência
Abandona quem persegue e é perseguido.
Não há mais nada que eles encarem sem pé atrás.
Eu não poderia ser assim. E por isto vou-me embora.
Durante três dias na capital das conservas no lamaçal
[dos matadouros
Foi vista Joana
Descendo um degrau depois do outro
Para purificar o lodo, para aparecer
Aos ínfimos. Três dias Descendo, enfraquecendo no terceiro
E por fim desaparecendo no lamaçal. Digam dela:
O frio foi demais.

Ela se levanta e vai embora. Neva.

DONA LUCKERNIDDLE *voltando*
Tudo mentira! Onde está a mulher que estava sentada aqui comigo?

UMA MULHER
Foi embora.

UM TRABALHADOR
Eu sempre achei que ela ia embora quando começasse a nevar de verdade.

Chegam três trabalhadores procurando alguém, não vendo ninguém vão embora por sua vez. Enquanto escurece surge um escrito.

CAI NEVE EM CIMA DE NEVE
O QUE ERA VIVO SE ESCONDEU
FICAM DE FORA AS PEDRAS
E QUEM NÃO TEM NADA DE SEU.

h.
PEDRO PAULO BOCARRA ATRAVESSA A FRONTEIRA DA POBREZA

Esquina de Chicago.

BOCARRA *a um dos detetives*
Agora chega, vamos voltar, você disse alguma coisa?
Você deu risada, não minta. Quando disse vamos
Voltar, você riu. Ouça o tiroteio.
Parece que estão resistindo, hem? Sim, eu queria
Insistir com vocês num ponto: não fiquem pensando
Nas várias meias-voltas que eu dei
Quando nos aproximávamos dos matadouros.
Pensar
Não leva a nada. Não pago vocês para pensarem
Eu tenho os meus motivos. Sou conhecido para aqueles lados.
Vocês já estão pensando outra vez. Parece

Que eu empreguei idiotas. Seja como for
Vamos voltar. Aquela que eu procurava oxalá
Tenha sido levada pela razão a sair
De lá debaixo, onde parece que de fato o inferno estourou.
Passa um jornaleiro.
Psiu, os jornais! Vamos ver como está o mercado da carne!
Ele lê e fica branco como giz.
Epa, alguma coisa ocorreu que muda tudo
Pois leio aqui preto no branco que o boi está a trinta
E que não se vende uma só cabeça
E leio aqui preto no branco também que meus amigos
Os industriais foram à ruína e saíram do mercado
E ainda que Bocarra e seu amigo Slift
Estão entre os mais arruinados de todos. Eis a situação
E assim chegamos aonde não queríamos e, contudo o alívio
E geral. Já não posso ajudá-los
Pois ofereci o meu gado todo
A quem o pudesse usar
E ninguém quis, de modo que agora estou livre
E desobrigado. Assim, cruzando aqui e agora a fronteira
Da pobreza dispenso o serviço de vocês
Por não precisar mais dele.
Daqui em diante ninguém quererá me matar.

OS DOIS DETETIVES
Neste caso estamos dispensados.

BOCARRA
Estão e eu também estou e posso ir para onde quiser
Até mesmo aos matadouros.
E no que tange ao troço feito de suor e dinheiro
Que armamos nestas cidades
Vou ser sincero: é como se um cara
Tivesse levantado o maior edifício do mundo
O mais caro e prático, só que usando
Por descuido e porque o material era barato
Merda de galinha, de modo que morar ali nunca foi fácil
Cabendo ao arquiteto
A glória de haver causado um fedor também ele
[sem precedentes.
Alguém que escapa de uma tal morada
Só pode estar alegre.

UM DOS DETETIVES *saindo*
Esse está acabado.

BOCARRA
A vida é um combate que os fracos abate
E que os fortes levanta a uma altura que espanta.

i.
REGIÃO DESERTA NOS MATADOUROS

Dona Luckerniddle encontra Joana em meio à nevasca.

DONA LUCKERNIDDLE
Até que enfim! Onde é que você vai? Você entregou a carta?

JOANA
Não. Eu vou embora daqui.

DONA LUCKERNIDDLE
Eu devia ter imaginado. Dê aqui essa carta!

JOANA
Não dou, nessa carta a senhora não põe a mão. Não adianta chegar perto. Eu sei que são incitações à violência. A senhora não vê que agora está tudo tranqüilo? Mesmo assim vocês querem agitar.

Dona Luckerniddle
Para você então está tudo tranqüilo! E eu que disse que você é honesta. Eles não iam lhe dar a carta! Mas você é uma mentirosa e o seu lugar é do lado de lá. Você é uma merda! Me dê esta carta que lhe confiaram. *Joana desaparece na nevasca.* Não fuja! *Ela desapareceu.*

j.
OUTRA REGIÃO

Joana correndo em direção à cidade, ouve dois trabalhadores que passam.

O PRIMEIRO
Eles primeiro espalharam que o trabalho nos matadouros ia recomeçar e que ninguém seria demitido. Agora que uma parte dos operários foi para casa, para retomar o trabalho amanhã cedo, eles anunciam que os matadouros vão fechar definitivamente porque P. P. Bocarra levou todos à falência.

O SEGUNDO
Os comunistas estavam com a razão. As massas não deviam ter se dispersado. Tanto mais que os serviços básicos de Chicago iam declarar a greve geral amanhã.

O PRIMEIRO
Nós aqui não soubemos de nada.

O SEGUNDO
É isto. Uma parte dos mensageiros deve ter falhado. Muita gente, se soubesse, teria ficado aqui. Com violência policial e tudo.

Joana, vagando, ouve vozes.

VOZ
Não conhece desculpa
Aquele que não chega. A pedra
Não desculpa quem cai.
E mesmo quem chegue
Poupe-nos o relato de sua dificuldade
E entregue em silêncio
A si mesmo ou aquilo de que é portador.

Joana está parada e começa a correr noutra direção.

VOZ *Joana pára*
Nós demos a você uma incumbência.
A nossa situação era drástica.
Não sabíamos quem você fosse
Você podia desincumbir-se ou também
Podia nos trair.
Você cumpriu a tarefa?

Joana corre e é detida por mais outra voz.

VOZ
Estavam esperando, era preciso chegar!

Buscando salvar-se das vozes, Joana ouve vozes de todos os lados.

VOZES
Uma única malha
Basta para inutilizar uma rede:
Os peixes passam pelo furo
Como se não houvesse rede
E as outras malhas todas
Ficam sem préstimo.

VOZ DE DONA LUCKERNIDDLE
Eu testemunhei a seu favor
Mas você não entregou a carta
Que dizia a verdade.

JOANA *cai de joelhos*
Luminosa verdade, obscurecida em má hora por uma
[tempestade de neve!
E perdida de vista depois! Grande é o poder
[das tempestades de neve!
Ah, debilidades do corpo! A fome, o que lhe resiste?
O que sobrevive a uma noite de inverno?
Eu preciso voltar!

Ela volta correndo.

X.

PEDRO PAULO BOCARRA HUMILHA-SE E É EXALTADO

Sede dos Boinas Pretas.

MARTA *a um companheiro*
Há três dias esteve aqui um emissário do Rei da Carne Pedro Paulo Bocarra, dizendo que ele mesmo quer pagar o nosso aluguel e também empreender juntamente conosco um grande movimento em favor dos pobres.

MULBERRY
Mr. Snyder, estamos no sábado. O senhor ou paga o aluguel, que é dos mais modestos, ou vai para a rua.

SNYDER
Mr. Mulberry, estamos esperando o Mr. Bocarra, que nos prometeu apoio.

MULBERRY
Meu caro Bento, meu caro Maneco, vamos depositar esta mobília lá fora na calçada.

Dois homens começam a descer a mobília para a rua.

OS BOINAS PRETAS
Ai de nós, o genuflexório na rua!
As mãos da cobiça levam
Música e púlpito embora.
Bradamos de coração:
Que venha o rico Mr. Bocarra
Salvar-nos-ia agora

Com o dinheiro dele!

SNYDER
Há sete dias, nas fábricas onde a ferrugem avança
As massas esperam, afastadas por fim do trabalho.
Devolvidas ao ar livre reencontram a vida
Natural na chuva e na neve
Sob a determinação altíssima do inescrutável.
Meu caro Mr. Mulberry, é chegado o momento, com sopa
Quente e música elas estarão no papo. Em minha cabeça
Vejo o reino de Deus pronto e acabado.
Uma banda de música e sopas consistentes, sopas
Nutritivas, para a tranquilidade de Deus
E a liquidação final do bolchevismo.

OS BOINAS PRETAS
As barragens da fé já não resistem
Na cidade de Chicago
Ao mar de lama do materialismo
Que tudo cerca.
Olhai como a fé vacila, por pouco ela não naufraga!
Mas nós resistiremos, pois o rico Bocarra virá!
Ele já está a caminho com todo o dinheiro dele!

UM BOINA PRETA
Seu Major, agora onde sentamos o nosso público?

Chegam três pobres, entre os quais Bocarra.

SNYDER *grita com eles*
Isto só quer sopa! Aqui não tem sopa! Aqui tem a palavra de Deus! Ouvindo isso, eles saem correndo.

BOCARRA
Aqui somos três, em busca de Deus.

SNYDER
Sentem ali e fiquem quietos.

Os três se sentam.

UM HOMEM *entrando*
Pedro Paulo Bocarra está?

SNYDER
Não, mas deve estar chegando.

UM HOMEM
Os industriais da carne querem falar com ele, e os criadores clamam por ele.

Sai.

BOCARRA *na frente*
Pelo visto estão à procura do tal Bocarra.
Conheci muito: um tonto. Eles agora procuram
No inferno e no céu, embaixo e no alto, esse tal Bocarra
Que a vida inteira foi mais tonto
Que um vadio fedorento de pileque.
Ele se levanta e se aproxima dos Boinas Pretas.
Conheci um cara a quem pediram
Cem dólares. E ele tinha uns dez milhões.
E ele veio, não deu os cem dólares mas
Jogou fora os dez milhões
E entregou-se em pessoa.
Ele toma dois Boinas Pretas pelo braço e vai com eles até o genuflexório.

Eu quero me confessar.
Amigos, aqui não se ajoelhou ninguém
Tão abjeto como eu.

Os boinas pretas
Não percais a esperança!
Não vos torneis incrédulos!
Ele com certeza virá, ele já está a caminho
Com todo o dinheiro dele.

Um boina preta
Ele já chegou?

Bocarra
Amigos, vamos cantar juntos! Pois
Meu coração está leve e também pesado.

Dois músicos
Mais de um número nós não cantamos.
Entoam um hino. Os Boinas Pretas acompanham distraídos, com os olhos presos na porta.

Snyder *curvado sobre os livros da contabilidade*
Não queiram saber o resultado destes cálculos. Silêncio!
Me tragam as despesas da casa e as contas
A pagar, porque é hora da verdade.

Bocarra
Eu me acuso de exploração
De utilização indevida da violência, de expropriação
Do próximo em nome da propriedade. Durante sete dias
Arrochei o pescoço desta cidade
Até que Chicago amanheceu morta.

Os boinas pretas
É o Bocarra!

Bocarra
Mas lembro também como atenuante que no sétimo dia
Eu me desfiz de tudo de modo tal
Que agora estou aqui sem nada de meu.
Inocente não, mas arrependido.

Snyder
Você é o Bocarra?

Bocarra
Sou eu, dilacerado pelo arrependimento.

Snyder *grita fulminado*
E sem dinheiro? *Aos Boinas* Pretas Embrulhem as coisas. Depois disto, ficam suspensos os pagamentos.

Os músicos
Se é este o homem de quem esperavam
O dinheiro com que iam nos pagar
Nós não temos por que estar aqui – boa-noite.

Saem.

Coro dos boinas pretas *acompanhando a saída dos músicos*
Rezando esperávamos
Bocarra o ricaço, mas quem nos entrou pela porta
Foi Bocarra o arrependido.
Este trouxe-nos
O seu coração, mas não o seu dinheiro.
Estamos emocionados
Mas com cara de tacho.

Os Boinas Pretas cantam confusa e apressadamente os seus últimos hinos, sentados em suas últimas cadeiras e banquetas.
Postados à margem do lago de Michigan
Só nos resta sentar no chão e chorar.
Despreguem da parede as santas palavras
E embrulhem no pano da bandeira sem glória o nosso livro
[de orações
Pois já não somos capazes de pagar as nossas contas
E as nevascas vão crescer para cima de nós
Neste inverno que ainda está no começo.

Em seguida, para encerrar, cantam o "Onde é mais negra a batalha". Bocarra também canta, lendo a letra por cima do ombro de um colega.

SNYDER
Silêncio! E agora vamos todos saindo. *A Bocarra* Especialmente
[o senhor!
Onde ficaram os quarenta aluguéis dos pecadores impenitentes
Que Joana enxotou? Em troca ela converteu este aqui.
Joana
Devolve-me os meus quarenta aluguéis mensais!

BOCARRA
Pelo visto vocês pensavam levantar a sua casa
À sombra da minha. E humano lhes parece
Quem lhes serve, como
Era humano para mim só
Quem eu pudesse explorar. Na verdade, tampouco mudaria
Nada alguém que só considerasse como humanos
Aqueles a quem ajuda. Ele precisaria de náufragos
Para o seu negócio de salva-vidas. Enfim
Não escapamos ao ciclo das mercadorias nem dos astros.
Esta lição, Snyder, parecerá amarga a alguns.
Quanto a mim vejo que, estando como estou,
Não estou do agrado de vocês.

Bocarra vai sair quando aparecem na porta os reis da carne mais brancos do que giz.

OS INDUSTRIAIS
Sublime Bocarra! Perdoa esta chegada importuna
Que vem interromper a complicada cisma
De tua extraordinária cabeça.
E que estamos liquidados. À nossa volta é o caos
E acima de nós, altíssima, a manobra inescrutável.
Qual é teu plano, Bocarra, no que se refere a nós?
Quais serão os teus próximos passos?
Nós acusamos os teus golpes, que recebemos na nuca.

Entram os criadores muito agitados e igualmente brancos.

OS CRIADORES
Maldito Bocarra, aqui te escondes?
Em vez de mostrar remorso, paga o gado que nos deves.
Passa o dinheiro, a alma não! Vens aqui
Buscar alívio para a consciência que te pesa
Mas antes aliviaste o nosso bolso.
Paga o nosso gado!

GRAHAM *dá um passo à frente*
Permite, Bocarra, a breve exposição
De um dia inteiro de batalha Que nos precipitou a todos no abismo.

BOCARRA
Ó intermináveis matanças!
Não diferimos de nossos antepassados

Que quebravam a cabeça ao semelhante com instrumentos
[de ferro!

GRAHAM
Recorda, Bocarra, que de contrato na mão
Nos forçaste a te entregar a carne
E, portanto a comprá-la no exato dia
Em que só tu mesmo a tinhas para vender.
Logo que te foste, ao meio-dia, Slift
O teu preposto, apertou mais a nossa garganta. Forçou o preço
Até que chegasse a noventa e cinco. Aí
O velho Banco Nacional resolveu intervir. Resmungando
Muito a venerável instituição foi ao Canadá buscar novilhos
Para o mercado desfalecente. Os preços estacaram nervosos.
Mas o desvairado Slift mal entreviu
Os poucos boizinhos vindos de longe os arrebatou
A noventa e cinco tal qual um bêbado
Que já bebeu um mar inteiro, mas lambe sempre sedento
As gotas esparsas que ainda alcança. A venerável instituição
[assistia a tudo
Consternada. Naturalmente vieram em seu auxílio
Loew e Levi, Wallox e Brigham, a nata das reputações
E empenharam tudo o que tinham até o carbono e o durex
A fim de trazerem no máximo em três dias rebanhos
De Argentina e Canadá. Implacavelmente prometiam comprar
Inclusive os não-nascidos, tudo enfim que se assemelhasse a boi
A vitelo, a porco! Slift, porém urrava: "Em três dias não!
Hoje! Hoje!" e forçava o preço. E com lágrimas nos olhos
Os institutos bancários lançaram-se ao enfrentamento final.
Como tivessem que entregar tinham que comprar
O próprio Levi em prantos avançou
Contra um empregado de Slift. Brigham arrancava
As barbas e bradava "noventa e seis". Um elefante
Que o acaso trouxesse à bolsa de valores naqueles minutos
Seria esmagado como um morango.
Os *office-boys* tomados de desespero mordiam-se
Uns aos outros como faziam os cavalos da Antiguidade
Enquanto pelejavam os cavaleiros.
Auxiliares não-remunerados, famosos pela displicência, neste
Dia rilhavam os dentes.
E nós outros continuávamos a comprar, porque precisávamos
[comprar.
Foi quando Slift pediu cem. Ouvir-se-ia
A queda de um alfinete, tal foi o silêncio.
E sem emitir um suspiro expiraram os institutos bancários
Outrora grandes e sólidos, agora desfeitos como
[um *champignon* pisado
Cessando a respiração bem como os pagamentos.
[Em voz inaudível
Que todos ouviram perfeitamente o venerável Levi
[decretou: "Agora
Os matadouros são seus porque nós não podemos cumprir
Os contratos", e em conseqüência os industriais
Um depois do outro e furiosos
Depuseram os seus matadouros paralisados e inúteis
A vossos pés, teus e de Slift, e saíam pelos fundos
Enquanto corretores e representantes fechavam as suas pastas.
Arquejando, por fim liberta, naquele momento
Em que contrato algum mais obrigava à sua compra
A carne bovina entrou para o insondável.
Isto porque os preços despencavam de cotação em cotação
Como as águas precipitadas de penha em penha mergulham
Em busca do fundo do abismo. Vieram parar em trinta.
E assim, Bocarra, o teu contrato ficou sem valor.
Em lugar de nos apertar a garganta nos estrangulaste.
De que serve apertar a garganta a um morto?

BOCARRA
Muito bonito, Slift, esta foi a batalha
Que você conduziu?

SLIFT
Corte a minha cabeça.

BOCARRA
De que serve a tua cabeça?
O chapéu sim, vale cinco centavos!
Que fazer
Com tantos bois que ninguém é obrigado a comprar?

OS CRIADORES
Não vamos ficar nervosos
Mas pedimos a você que nos diga
Se, quando e como pretende
Pagar os bois que, embora comprados
Você nunca pagou.

BOCARRA
Pago imediatamente. Com este chapéu e uma botina. Dou o chapéu por dez milhões e esta botina por cinco. A outra não, porque estou usando. Estão satisfeitos?

OS CRIADORES
Tristes de nós, muitas luas passaram desde o dia
Em que no longínquo Missouri laçamos
Para levar à estação de trem
A esperta vitela e o limpo boizinho
Engordados com amor.
E enquanto o trem apitava
A família toda junta ria e chorava
Corria atrás do trem e rogava:
Meninos, não vão torrar o dinheiro e rezem a Deus
Para que o preço da carne suba!
E agora que fazer? Como
Voltamos para casa? Que dizer
Se a mão e o bolso estão vazios?
Como voltar desse jeito, Bocarra?

O HOMEM DE ANTES *entrando*
O Bocarra está? Chegou uma carta de Nova York para ele.

BOCARRA
O Bocarra a quem estas cartas se destinavam era eu. *Abre o envelope e afasta-se para ler.* "Recentemente, querido Pedro Paulo, te aconselhamos a comprar carne. Hoje, pelo contrário, te aconselhamos a fazer um acordo com os criadores, para limitar o número de cabeças disponíveis, a fim de que o preço se recupere. Dentro deste espírito, estamos à tua disposição para o que for necessário. Mais notícias amanhã, caro Pedro Paulo. Os teus amigos de Nova York." Não, não, assim não dá.

GRAHAM
Não dá o quê?

BOCARRA
Os meus amigos de Nova York parecem saber uma saída. Mas a saída não me parece praticável. Julguem vocês mesmos.
Ele passa a carta aos outros.
Que diferença em tudo
Tão de repente. Amigos, basta de perseguição!
A vossa riqueza se foi, compreendam, ela está perdida:
Não porque agora nos falte a bênção do património
Material – esta não pode mesmo ser para todos –
Mas sim porque não somos capazes de elevação.
E isto que nos faz pobres!

MEYERS
Quem são estes amigos de Nova York?

BOCARRA
Horgan & Blackwell. Sell...

GRAHAM
Mas então é Wall Street?

Passa um murmúrio pelos presentes.

BOCARRA
A opressão que pesa sobre a nossa vida interior...

OS INDUSTRIAIS E OS CRIADORES
Desce, ó sublime Bocarra, das alturas
De tua cogitação e junta-te a nós. Considera o caos
Que tudo quer submergir e uma vez mais, ó Bocarra
Atendendo à nossa, convocação coloca
Sobre os ombros o jugo da responsabilidade!

BOCARRA
Não é por gosto que aceito.
Nem ouso fazê-lo sozinho. Porque ainda estão em meus ouvidos
O grito dos matadouros e as rajadas da metralha. Aceito
Mas somente se for clara a aclamação e em grande estilo
E se a minha liderança for concebida como indispensável
Ao bem comum. Entendida assim
Ela talvez seja viável.
A Snyder
Existem muitos comércios bíblicos como este?

SNYDER
Uma porção.

BOCARRA
E a situação deles qual é?

SNYDER
Precária.

BOCARRA
A situação é precária, mas os comércios são muitos.
Diga aqui, se acaso nós apoiássemos o vosso negócio
Em larga escala e vocês dispusessem de sopa e música
E folhetos religiosos apropriados e às vezes até de teto
Os Boinas Pretas saberiam advogar a nossa causa
E espalhar por toda parte que nós somos gente de bem?
Gente que planeja o bem comum em tempos difíceis?
[Porque o fato é
Que só medidas extremas drásticas em aparência
Pois atingirão alguns até bastante numerosos
Para não dizer a maioria e quase todos
Garantem nesta altura o sistema
De compra e venda que afinal de contas é o nosso
E que tem também os seus lados sombrios.

SNYDER
Quase todos. Eu entendo. Saberíamos advogar a causa sim senhor.

BOCARRA *aos industriais*
Ficam reunidos os vossos matadouros
Num cartel e fico eu
Com a metade das ações.

Os industriais
Uma grande cabeça!

Bocarra *aos criadores*
Meus caros amigos!
Murmúrios.
A dificuldade que nos abatia cedeu.
Miséria e fome, excessos cometidos e violência
Têm causa e a causa está clara:
Havia carne sobrando. Este ano
O mercado da carne entupiu de modo que o preço
Do boi desceu a nada. Pois bem, para sustentá-lo
Nós, o industrial e o criador, resolvemos de comum acordo:
Dar um basta à criação desenfreada
Limitar o número das cabeças admitidas ao mercado
E excluir dentre as existentes as que forem demais
Isto é, queimar um terço dos rebanhos existentes.

Todos
Uma solução simples!

Snyder *pedindo a palavra*
Não seria ainda mais simples dar de presente aos que
[estão de fora,
E são muitos, este gado numeroso que não vale nada E que por
isto vamos queimar no fogo?
Eles saberiam usá-lo.

Bocarra *sorri*
Estimado Mister Snyder, o senhor não percebeu
O essencial da situação. Os muitos
Que estão lá fora SÃO ELES OS NOSSOS
[COMPRADORES!
Aos outros
Parece inverossímil, não é?
Sorrisos gerais.
Muitos dirão que eles são vulgares e mesmo supérfluos
E às vezes incómodos, mas o olhar experiente
Não se engana e sabe que o comprador SÃO ELES!
Analogamente, e muitos não entenderão, é necessário
Dispensar um terço dos trabalhadores, pois
O mercado de trabalho também se abarrotou
E a mão-de-obra tem que estar sob controle.

Todos
A única saída!

Bocarra
E será necessário baixar os salários!

Todos
O ovo de Colombo!

Bocarra
Tudo isto é feito
Nesse tempo turvo de caos cruento
E humanidade desfigurada
Quando a agitação nas capitais já não pára de engrossar
E a boataria de greve geral retoma em Chicago
Tudo isto é feito, dizíamos, para que o povo
Em sua miopia e brutalidade não destrua
As próprias ferramentas nem pise o seu pão
E para que voltem a ordem e a tranqüilidade. Por isto daremos
Dotação abundante a nossos amigos Boinas Pretas, a verba
[indispensável
Ao vosso trabalho em prol do progresso.
Naturalmente as vossas fileiras deverão incluir pessoas
Tais como aquela Joana cuja simples presença

É uma promessa de concórdia.

UM CORRETOR *entra correndo*
Boas notícias! Foi desbaratada a greve geral que estava iminente.
E estão na cadeia os criminosos que trabalhavam contra a ordem
e a tranqüilidade.

SLIFT
Respirem, senhores, está salvo o mercado!
O impasse fatal já foi contornado.
O exato equilíbrio logrou-se outra vez
E o nosso mundo é nosso, não é de quem o fez.

Órgão.

BOCARRA
E agora abri as vossas portas
Aos cansados e sofridos e enchei de sopa as panelas
E que venha a música! Nós mesmos
Sentaremos nos vossos bancos bem à frente
E nos converteremos à vista de todos.

SNYDER
Abram as portas!

As portas são abertas.

OS BOINAS PRETAS *cantam olhando para a porta*
Preparem as redes! Eles vão chegar!
Operários indefesos aos milhares!
A chuva os ataca, a mando de Deus!
O frio os ataca, a mando de Deus!
Eles não têm mais saída! Preparem as redes!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

Ferrolho nas trancas! Daqui ninguém sai!
A saída que existe dá só para cá!
Que sortudo é o desempregado!
Cai direto em nossos braços!
E não escapa ninguém! Ferrolho nas trancas!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

Tudo que vier é lucro! Tudo que vier é peixe!
Perna, cascas, trapo, uni toco de charuto!
Botinas só por milagre!
Mas lágrimas nem de graça!
Tudo que o enxurro trouxer é peixe!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

Aqui estamos nós! Eles ali chegando!
Olhai os bichos acossados pela miséria!
Vejam como ela os força a descer!
Vejam como eles vêm descendo!
Daqui ninguém volta: aqui estamos nós!
Bem-vindos! Bem-vindos! Bem-vindos!
Bem-vindos cá embaixo entre nós!

XI.

a.
NOS MATADOUROS. OS DEPÓSITOS DAS INDÚSTRIAS GRAHAM

Os pátios já estão quase vazios. De raro em raro passam grupos de trabalhadores.

JOANA *chega e pergunta*
Alguém aqui viu três homens à procura de uma carta?

Gritaria ao fundo, que vem avançando. Entram cinco homens cercados de tropa: os dois trabalhadores do comando da greve e os três da central elétrica. Um dos homens do comando pára e começa a falar aos soldados.

O DIRIGENTE
Vocês nos levam para a cadeia, mas fiquem sabendo que foi para ajudar gente igual a vocês que fizemos o que fizemos.

UM SOLDADO
Então continua andando, que você ajuda a gente mais ainda.

O DIRIGENTE
Esperem uni pouco!

UM SOLDADO
Está com medo?

O DIRIGENTE
Pode ser, mas não é por isso que estou falando. Eu quero que vocês entendam por que nos prenderam. Ouçam, porque vocês não sabem.

OS SOLDADOS RINDO
Está bem, diga por que nós te prendemos.

O DIRIGENTE
Vocês não têm propriedade, mas ajudam os que têm. Por quê? Porque ainda não enxergaram a maneira de ajudar os expropriados como vocês mesmos.

O SOLDADO
Muito bem, e agora vamos continuar.

O DIRIGENTE
Esperem! Eu não terminei a frase: mas nesta cidade os trabalhadores que têm emprego já começaram a ajudar os trabalhadores desempregados. Portanto a maneira de ajudar os expropriados está ficando clara. Pensem nisso.

O SOLDADO
Você está querendo que a gente te solte?

O DIRIGENTE
Você não me entendeu? Entenda que a vez de vocês também está chegando.

O SOLDADO
Vamos continuar?

O DIRIGENTE
Vamos, vamos continuar.

Eles continuam. Joana pára e acompanha os presos com os olhos. Ela ouve a conversa de duas pessoas a seu lado.

UM
Que gente é essa?

O OUTRO
Nenhum desses
Cuidou só de si
Passaram tormentos
Para dar pão a desconhecidos.

O PRIMEIRO
Por que tormentos?

O OUTRO
O injusto anda calmamente na rua mas
O justo se esconde.

O PRIMEIRO
Qual é o futuro deles?

O OUTRO
Embora
Trabalhem por salários pequenos e sejam úteis a inúmeros
Nenhum deles vive até o fim os seus anos
Nem come o seu pão nem morre satisfeito
Nem se enterra com as honras devidas. Ao contrário
Acabam antes do tempo natural e são
Liquidados e esfrangalhados e insultados
No seu enterro.

O PRIMEIRO
Por que não se ouve falar neles?

O OUTRO
Quando você lê nos jornais que um bando de criminosos
[foi fuzilado
Ou recolhido à penitenciária, são eles.

O PRIMEIRO
Isso continuará sempre assim?

O OUTRO
Não.

Quando Joana faz meia volta é abordada peos jornalistas.

OS JORNALISTAS
Esta não é a Nossa Senhora dos Matadouros? Olá! Você sabe que deu tudo para trás? A greve geral falhou. Os matadouros vão reabrir, mas vão empregar só dois terços dos trabalhadores, e só com dois terços do salário. Mas a carne vai subir.

JOANA
Os trabalhadores concordaram?

OS JORNALISTAS
Que dúvida! Só uma parte deles soube dos preparativos de greve geral, e esta parte a polícia enxotou à força.

Joana vem abaixo.

b.
DIANTE DOS DEPÓSITOS DAS INDÚSTRIAS GRAHAM

Um grupo de trabalhadores com lanternas.

OS TRABALHADORES
Deve estar caída por aqui. Ela vinha dali e nós estávamos lá atrás.

Quando nos viu, ela começou a gritar que a greve dos serviços públicos ia sair. A nevasca não deixou talvez que ela percebesse os soldados. Um deles foi para cima dela a coronhadas. Foi um instante, mas eu vi bem o rosto dela. Olhe ela caída ali! Precisava ter mais mulheres assim. Não, esta aqui não é ela, não. Era uma velha, uma trabalhadora. Esta aqui não é nossa. Deixem ela aí, que depois os soldados vêm e levam embora.

XII.

A MORTE E CANONIZAÇÃO DA SANTA JOANA DOS MATADOUROS

A casa dos Boinas Pretas agora está ricamente equipada. Em cena grupos organizados: os Boinas Pretas, com bandeiras novas, os carneadores (industriais), os criadores e os corretores.

SNYDER
Custou, mas nós conseguimos
Deus voltou a ter vigência
Tanto andamos pêlos cimos
Quanto andamos na falência,
Nas alturas e na baixa
Vocês sabem quem servimos:
Sete vivas sem problema
Triunfou o nosso esquema!

OS POLICIAIS
Aqui está uma desabrigada
Que recolhemos nos matadouros
Em estado febril. O seu endereço anterior
Parece que era aqui.

JOANA *erguendo a carta, como se ainda a quisesse entregar*
Nunca mais o desaparecido vai abrir
Minha carta
Um pequeno serviço a uma boa causa, um só
Que me pediram numa vida inteira!
E eu não soube prestá-lo.

Enquanto os pobres se sentam nos bancos para receber sopa, Slift confabula com os carneadores e com Snyder.

Slift
Esta é a nossa Joana. Ela veio na hora certa. Vamos fazer dela a nossa vedete, pois foi graças a ela que nós conseguimos sobrenadar nestas semanas difíceis: graças à simpatia humana de sua presença nos matadouros, graças à sua intervenção em favor dos pobres e graças também aos discursos que ela fez contra nós. Ela será a nossa Santa Joana dos Matadouros. Vamos fazer dela uma santa credora de todas as atenções. Será a prova cabal de que a humanidade é tida em alta estima entre nós, contrariamente ao que se diz.

Bocarra
Que não falte em nosso meio
Da pureza o ingênuo rosto
Da criança a linda voz
Dizem mal de quem merece
Cantam cânticos por nós.

Snyder
Levanta-te, Joana dos Matadouros
Protetora dos pobres
Consoladora dos caídos.

Joana
Como venta aqui embaixo! Que gritos são estes
Que a neve abafa?
Tomem a sopa, vocês aí!
Não desperdicem o calor, vocês
Que nem para explorados servem mais! Tomem a sopa!
Melhor fora
Uma vida inexpressiva
Mas tendo entregue a carta que estava a meus cuidados.

Os boinas pretas *em direção a Joana*
Pobre santa, está confusa.
Foi humano o que fizeste!
Que dor no teu rosto, Joana!
Se traíste, foste humana!

Joana *enquanto os companheiros a vestem outra vez com o uniforme dos Boinas Pretas*
O barulho das máquinas está de volta, basta ouvir.
Perdida
Outra crise.
A vida
Retoma o curso antigo, sem mudar.
Quando parecia possível transformá-la
Não compareci; quando foi necessário
Que eu simples pessoa ajudasse
Faltei.

Bocarra
Grande e eterno
Insatisfeito
No planeta muito estreito
O homem sonha com deixar
O dia-a-dia
Esta agonia
Para se alçar
A alturas máximas
Onde é uma glória acabar.

Joana
Tomei a palavra em fábricas e praças
E meus sonhos não foram poucos, porém
Causei desgraça aos desgraçados
E trouxe alívio aos exploradores.

Os boinas pretas
Tudo é triste e inacabado
Sem o sopro da harmonia
Que os contrários concilia.

Os carniceiros
Mas é lindo e inusitado
Quando estão do mesmo lado
O plutocrata e a poesia!

Joana
Mas aprendi e sei uma coisa que não quero levar comigo
Agora que estou morrendo:
Que conversa é essa de que vocês têm algo de interior
Que não sai para fora? Vocês sabem O QUE, se o que sabem
Não tem conseqüência?
Eu por exemplo não fiz nada.
Pois nada seja dito bom, por muito que impressione, salvo
O que ajuda de fato, e nada seja estimável salvo
O que transforma para sempre este mundo, que está precisado.
Eu fui providencial para os opressores!
Ah, bondade sem efeito! Intenções impalpáveis!
Eu não transformei nada.
Deixando infrutífera e rapidamente a cena
Eu lhes digo:
Atenção para que vocês ao deixarem o mundo
Não apenas tenham sido bons como estejam
Deixando um mundo melhor!

Graham
Vai ser necessário cortar as falas que não tiverem sentido.
Não esquecer que ela esteve nos matadouros.

Joana
Porque a distância entre embaixo e em cima é maior
Que entre o mar e o pico do Himalaia.
E o que acontece nas alturas
Embaixo não se sabe
E vice-versa
E no alto e embaixo são duas línguas
E a medida usada não é a mesma.
E a despeito de o semblante humano ser em comum
Os humanos se desconhecem.

Os carniceiros e os criadores *falando alto para que as palavras de Joana não sejam ouvidas*
Não se eleva algo alto
Sem embaixo e sem em cima
Quem aprende essa lição
Cria amor à disciplina
Segue sempre dando o máximo
Onde manda o seu destino
Humilde nota capital
Na concórdia universal.
O de baixo é bom embaixo
O ricaço ajuda em cima
Ai porém de quem soltasse
A insubstituível
Porém horrível
A indispensável
Porém insaciável
Gente da última classe.

Joana
Os de baixo estão presos embaixo
Para que os de cima permaneçam em cima
E a baixeza destes é sem limite

E ainda que eles melhorassem não melhorava
Nada, porque é sem paralelo
O sistema que organizaram:
Exploração e desordem, bestial e portanto
Incompreensível.

Os boinas pretas *a Joana*
Seja santa! Cale a boca!

Os carniceiros
Quem flutua nos espaços
Como pode ir ao alto?
Alto sobe só quem calca
Para baixo o seu vizinho
Alçando-se assim ao sublime.

Bocarra
Agindo, ai de ti, o mal tu praticas.

Os boinas pretas
Calca o tacão, embora chorando.

Carniceiros
Mas não tentes descalçá-lo
Já que adiante vais usá-lo.

Boinas pretas
E olho sempre no ideal
Entre crises de remorso!

Os carniceiros
Ousa tudo!

Boinas pretas
Tudo, porém
Dividida
Distanciada
Desgostosa
E arrependida.
E ao agir, atenção
Não desconhecer
Os serviços incontáveis
Da moeda por excelência
Nas trocas inconfessáveis
Dos desvãos da consciência
A tão antiga e tão menina
E sempre dinâmica
Palavra divina.

Joana
Por isto se alguém aqui embaixo diz que
Deus existe
Embora não esteja à vista
E que invisível é que ele ajuda
Deviam bater na calçada a cabeça desse alguém
Até matar.

Slift
Vocês aí, digam alguma coisa para cortar a palavra da menina.
Falem, o que for, mas falem alto!

Snyder
Joana Dark, vinte e cinco anos de idade, derrubada pela pneumonia ao defender a palavra de Deus nos matadouros de Chicago, combatente e mártir!

JOANA
E quanto aos que mandam elevar o espírito acima do charco
Mas não o corpo, também lhes deviam bater
A cabeça na calçada. Porque
Só a força resolve onde impera a força
E onde há humanos só os humanos resolvem.

TODOS *cantam a primeira estrofe do coral para abafar os discursos de Joana*
Garante a riqueza ao rico! Hosana!
Proclama a virtude dele! Hosana!
Dá tudo a quem tem demais! Hosana!
Dá-lhe o gozo e o governo! Hosana!
Enaltece o nome dele! Hosana!

Durante as recitações os alto-falantes começam a divulgar noticias catastróficas.

QUEDA DA LIBRA: PELA PRIMEIRA VEZ EM TREZENTOS ANOS O BANCO DA INGLATERRA NÃO ABRE AS PORTAS!
OITO MILHÕES DE DESEMPREGADOS NOS ESTADOS UNIDOS!
SUCESSO DO PLANO QUINQUENAL!
BRASIL QUEIMA A COLHEITA DE UM ANO DE CAFÉ
SEIS MILHÕES DE DESEMPREGADOS NA ALEMANHA
FALÊNCIA DE TRÊS MIL INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS NOS ESTADOS UNIDOS
A BOLSA E OS BANCOS SÃO FECHADOS NA ALEMANHA POR RAZÕES DE ESTADO
BATALHA CAMPAL ENTRE DESEMPREGADOS E POLÍCIA DIANTE DAS USINAS FORD EM DETROIT
QUEBRA DO MAIOR TRUSTE DA EUROPA, O TRUSTE DOS FÓSFOROS!
PLANO QUINQUENAL REALIZADO EM QUATRO ANOS!

Sob o impacto de tais notícias os que no momento não estejam recitando passam a insultar-se reciprocamente.

"Carniceiros infelizes, as suas matanças passaram da conta!" e "Criadores de merda, vocês deviam ter criado mais!" e "Piranhas alucinadas, se vocês não pagam salários quem vai comer a nossa carne?" e "Os atravessadores são os culpados do preço da carne" e "Quem encarece a carne é a gangue do cereal" e "O preço do transporte ferroviário nos estrangula!" e "O juro bancário é a nossa ruína!" e "Os aluguéis dos silos e das pastagens estão proibitivos!" e "Por que vocês não limitam a produção?" e "São vocês que não limitaram!" e "A culpa é inteiramente sua!" e "Enquanto não derem cabo de vocês as coisas não melhoram!" e "Faz muito tempo que você devia estar na cadeia!" e "Como é que você ainda está solto na rua?".

TODOS *cantam a segunda e terceira estrofes do coral, a voz de Joana já desapareceu*
Compadece-te do rico, Hosana!
A lágrima dele enxuga, Hosana!
Teu perdão e tua ajuda, Hosana!
Oferece aos poderosos, Hosana!
Ao saciado o teu consolo, Hosana!
Vê-se que Joana pára de falar.
Serve a classe que te ajuda, Hosana!
Com recursos generosos, Hosana!
Arrebenta os descontentes, Hosana!
Ri com os ricos e deixa, Hosana!
Que dêem certo os golpes deles, Hosana!

Durante a cena as companheiras tentam dar sopa a Joana. Esta recusa duas vezes. Na terceira, aceita o prato para derramá-lo

acintosamente. Em seguida desfalece nos braços das moças, mortalmente fenda, sem dar sinal de vida. Snyder e Bocarra se aproximam.

BOCARRA
Ponham a bandeira nas mãos dela! *Passam a bandeira a Joana e a bandeira cai.*

SNYDER
Joana Dark, vinte e cinco anos de idade, morta de pneumonia a serviço de Deus nos matadouros, combatente e mártir.

BOCARRA
O que é puro
E é sem jaça
Incorrupto e devotado
Move o vulgo
E pede ao peito extasiado
Urna alma outra, sem trapaça!

Um longo silêncio comovido. A um sinal de Snyder todas as bandeiras são pousadas sobre Joana, até que ela fique inteiramente coberta. A cena é iluminada por luz rósea.

OS CARNICEIROS E CRIADORES
Vede, o homem desde o berço
Traz no peito unia ansiedade
Pelas zonas siderais
Em que sente a liberdade.
Mas se é certo que as estrelas
Dão notícia do insondável
Sabe o triste que é mentira:
A carne é baixa e miserável.

BOCARRA
Ah, meu pobre peito inquieto.
É rasgado em duas ânsias
Como que por um punhal.
Quero a zona sideral
Da total abnegação
Mas a outra ânsia puxa
Pela fibra comercial.

TODOS
Homem, duas almas lutam
E disputam em teu peito!
Não te ponhas a escolher
Uma e outra são teu ser,
Vive sempre dividido!
Tu és o uno repartido!
E seja a pura, seja a horrível
Seja a grossa ou a sofrível
São almas tuas as duas.

Apêndice

Panorama crítico

A fortuna crítica de Brecht é vasta e contenciosa. Os trechos reproduzidos a seguir deixam entrever as questões que vêm alimentando os debates. O próprio autor foi o primeiro a refletir teoricamente sobre suas novas práticas teatrais. Por sua vez, Benjamin notou muito cedo que a estratégia brechtiana abalava a idéia tradicional de vocação literária, o que não impediu Sartre e Anders de assinalar o caráter "clássico" da obra do dramaturgo. Finalmente, Adorno e Barthes oferecem visões contrárias das relações entre marxismo e dramaturgia, estética e engajamento.
Roberto Schwarz fez a seleção das passagens; os textos franceses foram traduzidos por Samuel Titan Jr., e os alemães, por Jorge de Almeida.

Bertolt Brecht, "Notas sobre *A Santa Joana dos Matadouros*"[2]

1.
A Santa Joana dos Matadouros é uma peça de dramaturgia não-aristotélica. Essa dramaturgia exige do espectador uma atitude bem determinada. Ele deve ser capaz de acompanhar a sucessão de acontecimentos em cena com a postura de quem está decidido a aprender, deve ser capaz de compreender o modo como esses acontecimentos estabelecem múltiplas conexões no todo formado pelo desenrolar da peça. Isso tudo objetivando uma revisão fundamental de seu próprio comportamento. O espectador não deve se identificar espontaneamente com determinados personagens, apenas para compartilhar suas vivências. Não deve, portanto, partir da "essência" dos personagens, apreendida intuitivamente, mas sim armar o conjunto do processo a partir de suas declarações e ações.

---

[2] Bertolt Brecht, "Zur Heiligen Johanna der Schlachthöfe" (cerca de 1932), in *Grosse kommentierte Berliner una Frankfurter Ausgabe*, vol. XXIV: *Schriften IV* (Berlin/Frankfurt: Aufbau/Suhrkamp, 1991), págs. 103-105.

(A obra de arte contribui sugestivamente para que o espectador assuma essa atitude, mas não sob qualquer circunstância; ele talvez precise assimilar essa postura por outro caminho, seja pela simples experiência da vida ou mesmo por meio do estudo e etc).

2.
Assim, na *Santa Joana dos Matadouros*, uma peça dessa dramaturgia, não se coloca em discussão a "essência íntima da religião", a existência de Deus ou a fé de cada um. O que se discute é o comportamento do homem religioso (na medida em que esse comportamento é perceptível externamente), o discurso sobre Deus e os esforços dos homens em suscitar a fé. O objetivo da peça – transmitir um conhecimento, profundo e adequado à ação, dos grandes processos sociais de nossa época – não seria alcançado com uma blasfêmia contra "Deus" ou com o menosprezo pelo comportamento religioso. Pois o importante, desse ponto de vista, é traçar as conseqüências do comportamento religioso em situações bem determinadas de nosso tempo, um comportamento histórico específico, tal como pode ser percebido neste momento.

3.
Quanto à avaliação do comportamento de instituições religiosas (como o da seita dos boinas pretas), a peça assinala a necessidade de compreender movimentos desse tipo como um todo. Nesse sentido, o movimento é mostrado como algo em si mesmo contraditório: a ele pertencem, de maneira indissociável, o *ingenium* religioso (Joana Dark) e seu aparato (Paulus Snyder e os outros). O espectador, contudo, não deve se intrometer demais na luta desses opostos. Não deve, por exemplo, aceitar Joana e repudiar o aparato, ou vice-versa. Sua crítica deve visar o todo da instituição em questão, pois no processo social a instituição religiosa, plena de contradições, apresenta-se como um todo. Sozinhos, nem Joana nem o seu aparato podem levar a cabo aquilo que pode ser percebido na realidade. Do mesmo modo, o "outro mundo" do matadouro é também uma unidade contraditória, e Joana e Bocarra, junto com os boinas pretas e os proprietários dos grandes meios de produção, de certa maneira formam uma unidade, ao menos para os trabalhadores que foram demitidos – e apenas nesse ponto aparece a indicação crítica realmente importante da obra sobre o caráter insustentável de nossa situação.

4.
Para entender a advertência desesperada de Joana Dark, muitas vezes citada com indignação pelos católicos, é preciso tomá-la em seu sentido preciso.

> Por isso se alguém aqui embaixo diz que Deus existe
> Embora não esteja à vista
> E que invisível é que ele ajuda
> Deviam bater na calçada a cabeça desse alguém
> Até matar.

Então se verá que ela de forma alguma fala sobre Deus, mas sim sobre o que se fala de Deus, e na verdade sobre um determinado discurso, em uma determinada situação, sobre determinadas afirmações a respeito de Deus. Ela fala justamente daqueles discursos segundo os quais Deus não precisa ter incidência no âmbito social. Acreditando em um Deus assim, os homens não precisam se empenhar para conseguir algo determinado. Basta que experimentem certas sensações íntimas. A fé aqui recomendada é uma fé sem conseqüências no que toca o mundo que nos cerca, (...) e recomendá-la é considerado por Joana um delito social.

Walter Benjamin: “Brecht em comentários” [3]

Bert Brecht é um fenômeno difícil. Ele não aceita utilizar “livremente” o seu grande talento de escritor. E talvez não haja nenhuma repreensão contra sua entrada na cena literária – plagiador, transtorno, sabotador – que ele não tenha reivindicado como um título honorífico para suas atuações não-literárias, anônimas, mas perceptíveis, como educador, pensador, organizador, político e encenador. É indiscutível, de qualquer modo, que ele é o único entre os que hoje escrevem na Alemanha a se perguntar aonde deve fazer valer o seu talento, aplicando-o somente onde está convencido de que seja necessário e mostrando-se desinteressado em qualquer oportunidade que não corresponda a essa pedra de toque. Os *Ensaios 1-3* são um exemplo dos pontos onde Brecht emprega seu talento. A novidade é que esses momentos não escondem a sua importância e que por causa deles o poeta tira férias da “obra”. Assim como o engenheiro no deserto perfura o solo em pontos precisos à busca de petróleo, Brecht aplica a sua atividade em pontos mapeados com exatidão no deserto da contemporaneidade. Esses momentos são aqui o teatro, a anedota e o rádio – outros serão atacados mais tarde. “A publicação dos *Ensaios*” – inicia o autor – “ocorre num período em que certos trabalhos não mais devem ser considerados como vivências individuais (possuindo o caráter de obra), mas sim ajustados para seu aproveitamento (reformulação) por determinados institutos e instituições”. Não se proclama a renovação; as inovações são planejadas. A literatura, aqui, nada mais espera de um sentimento do autor cuja vontade de transformar o mundo não esteja irmanada à sobriedade. Ela sabe que a única chance que lhe resta é a de se tornar um produto secundário em um processo, muito ramificado, de transformação do mundo. A literatura é aqui, e justamente por isso, algo inestimável. O produto principal, porém, é uma nova atitude. Lichtenberg disse: “Pouco importa do que alguém está convencido. O importante é o que suas convicções fizeram dele”. Este “o que” significa em Brecht: atitude. Ela é nova, e o que há nela de mais novo é o fato de poder ser aprendida: “O segundo ensaio, *Histórias do Senhor Keuner*” – diz o autor – “apresenta uma tentativa de tornar citáveis os gestos”. Quem lê então essas histórias percebe que nelas foram citados os gestos da pobreza, da ignorância, da impotência. Somente pequenas inovações foram incorporadas: “registros”, por assim dizer. Pois o Senhor Keuner, um proletário, coloca-se em nítida oposição ao ideal de proletário das pessoas de bom coração: ele não tem interioridade. Espera a extinção da miséria por uma única via: o desenvolvimento da atitude que a miséria lhe impõe. Mas a atitude passível de citação não é somente a do Senhor Keuner. Mediante exercício, pode-se igualmente citar a dos estudantes do *Vôo de Lindbergh*, bem como a do egoísta Johann Fatzer, e pelo mesmo motivo: o que é citável neles, além da atitude, são as palavras que a acompanham. Essas palavras pretendem ser exercitadas, ou seja, primeiro decoradas, depois compreendidas. Em primeiro lugar é conseguido o efeito pedagógico, em seguida vem o político, e só ao fim o poético.

[3] “Aus dem Brecht-Kommentar” (1930), in *Gesammelte Schriften*, vol. II.2 (Frankfurt: Suhrkamp, 1977), pág. 506.

Günther Anders, *Bert Brecht. Conversas e Recordações*[4]

Mas talvez Brecht nem mesmo seja um "escritor"; não seja alguém que "escreve", mas alguém que "fala"; talvez seu feito resida justamente no fato de ter recuperado o gesto originário do orador; daquele que nos dirige a palavra. De qualquer modo, sua classificação como "escritor" me parece enganadora; muito mais apropriada seria a designação "professor". Perguntar sobre seus livros, uma questão adequada se dirigida a qualquer outro autor, soa como algo despropositado em relação a Brecht. Também deve existir uma razão para não concebermos sua obra, desde o primeiro momento, como um conjunto de "livros", e para que soe cômico o pensamento de tratar Brecht como "leitura de fim de semana".

Mas, para verificar a beleza poética de sua linguagem, a sugestão de que Brecht "está falando conosco" permanece insuficiente. Um segundo elemento a acompanha. Afinal, a toda hora somos abordados por alguém que nos dirige a palavra, de partidos políticos a firmas de sabão em pó, através da imprensa e do rádio, por meio da voz bajuladora dos meios de comunicação de massa, que ressoa sem cessar. Todos eles querem falar conosco, até mesmo nos tratando pelo nome; todos eles nos enchem a cabeça, para nos convencer de que o que oferecem é coisa nossa.

Brecht, contudo, tem plena consciência de que, num mundo de demagogia e anúncios publicitários, num mundo onde a fala é marcada pela falsa intimidade, ele precisa conquistar ouvintes. Na verdade, Brecht é o único poeta que ajusta seu tom de voz a esse fato, contando com os homens forjados por este meio para assim poetizar contra esse próprio meio. (Todos os outros poetas, mesmo os que escrevem para o rádio, o fazem como se os meios de comunicação de massa não existissem, ou os utilizam apenas como meios de divulgação.) O perfil de Brecht só pode ser corretamente delineado quando se mostra, com clareza e transparência, a falsidade do modo de abordagem que hoje avança brutalmente em todas as frentes, uma abordagem da qual Brecht se diferencia; só então se percebe aquilo que confere dimensão poética à sua linguagem. Pois a *singularidade de seu empreendimento* consiste no fato de que Brecht, apesar de nos dirigir a palavra de forma incontestável, concorrendo com os meios de comunicação de massa e assumindo o "apelo" com o qual políticos demagogos e anúncios comerciais nos torpedeiam sem pausa os ouvidos, *exclui justamente a intimidade desse apelo direto*, ou seja, *ele distancia o apelo*. Brecht é sempre duas coisas ao mesmo tempo: direto e distante. Onde o intervalo comercial chama o espectador pelo nome, Brecht o trata de modo formal; onde o demagogo seduz, ele solicita ao ouvinte um juízo ponderado. Por maior que seja a insistência com a qual reclama nossa atenção, ele permanece sempre a dez passos de distância. E assim, justamente por isso, conquista nossos ouvidos; os ouvidos daqueles que não mais acreditam em nenhuma palavra de quem os aborda com a falsa intimidade da adulação ou da voz de comando, de quem se aproxima falando como velho amigo. Brecht torna sua palavra estranha e distante, para se destacar de um contexto marcado pela mentira.

E justamente isso também torna bela sua linguagem. Pois a beleza resplandece apenas onde a atração permanece à distância, onde os limites impostos pela distância deixam intacta a dignidade daquele a quem se dirige a palavra. Por meio de sua técnica de distanciamento, Brecht dá forma a essa distância, fiadora da dignidade, conferindo assim a sua linguagem um caráter para o qual a expressão "clássico" não me soa exagerada. Pois ser "clássico" significa – e isso basta para que uma voz seja penetrante – não precisar insistir para ser ouvido.

Brecht fala essa linguagem em um mundo marcado pelo *pathos* mais berrante, pelo terror nu e pela adulação vulgar. E se também chama a insistência, a nudez e a vulgaridade pelo nome, ele o faz em última instância apenas para denunciar ou enfraquecer o *pathos*, o terror e a adulação. O tom de sua voz permanece cortês, aconselhando sem fazer concessão. E essa liga perfaz algo de "belo", ela tem a beleza da autoridade civilizada.

[4] Bert Brecht. Gespräche und Erinnerungen (Zürich: Arche, 1962), págs. 47-50.

Theodor Adorno, *Teoria Estética*[5]

Brecht não ensinava nada que não pudesse ser reconhecido independentemente de suas peças didáticas ou de forma mais sucinta em sua teoria, nada com o qual seus espectadores já não estivessem por demais familiarizados: que os ricos se saem melhor do que os pobres; que o mundo é injusto; que a opressão persiste em meio à igualdade formal; que a bondade privada é transformada em seu contrário pelo mau objetivo; e que – uma sabedoria certamente dúbia – a bondade requer a máscara do mal. Mas a veemência sentenciosa com a qual ele traduziu em gestos cênicos essas intuições, que não são propriamente novidades, confere à sua obra o tom característico; o didatismo o conduziu a suas inovações dramatúrgicas, que derrubaram a cena moribunda do teatro psicológico e de intriga. Em suas peças, as teses assumem uma função inteiramente diferente daquela pretendida por seu conteúdo. Elas se tornaram constitutivas; imprimiram no drama um caráter anti-ilusório e contribuíram para a decomposição da unidade de sua teia de sentidos. E isso que responde por sua qualidade, não o engajamento, embora elas estejam presas ao engajamento, que se torna seu elemento mimético. O engajamento de Brecht inflige à obra aquilo para o que ela historicamente gravita por si mesma: desmancha-a. No engajamento, exterioriza-se de vários modos, por meio de um crescente controle e domínio técnico, um elemento resguardado na arte. As obras tornam-se para si o que antes foram em si mesmas. A imanência das obras, sua distância quase apriorística da empiria, não existiria sem a perspectiva de um estado de coisas realmente transformado pela práxis consciente de si mesma.

[5] *Ästhetische Theorie, in Gesammelte Schriften, vol. VII (Frankfurt: Suhrkamp, 1984), pág. 366.*

Jean-Paul Sartre, "Brecht e os clássicos" [6]

Brecht não sofreu qualquer influência de nossos grandes autores nem dos trágicos gregos que lhes serviam de modelos: suas peças evocam antes o drama elisabetano que a tragédia. Entretanto, em comum com os nossos clássicos, com os clássicos da Antiguidade, ele dispõe de uma ideologia coletiva, de um método e de uma fé: como eles, Brecht recoloca o homem no mundo, isto é, na verdade. Assim, inverte-se a relação entre o verdadeiro e o ilusório, aqui também é o próprio acontecimento representado que denuncia sua ausência: ele teve lugar outrora ou quem sabe jamais ocorreu, a realidade dissolve-se na pura aparência; mas essas falsas aparências revelam-nos as leis verdadeiras que regem a conduta humana. Isso mesmo, para Brecht como para Sófocles ou para Racine a Verdade existe: o homem de teatro não deve *dizê-la*, e sim *mostrá-la*. E essa empresa orgulhosa de mostrar os homens aos homens sem recorrer aos sortilégios duvidosos do desejo ou do medo é, não resta dúvida, o que chamamos de classicismo. Brecht é clássico por seu cuidado com a unidade: se existe unia verdade total, então o verdadeiro objeto teatral será o acontecimento inteiro que remexe as camadas sociais e as pessoas, que faz da desordem individual um reflexo das desordens coletivas, ao passo que sua evolução violenta ilumina os conflitos e a ordem geral que os condiciona. Por essa razão, suas peças têm uma economia clássica: é bem verdade que Brecht não se preocupa em unificar por meio do lugar, do tempo; mas ele elimina tudo que periga de nos distrair; ele recusa a invenção de detalhes que possam nos desviar do conjunto. Ele não quer comover *demais*, de modo a nos deixar a cada instante a inteira liberdade de escutar, de ver e de compreender. Contudo, é de um monstro terrível que nos fala: de nós mesmos. Mas ele quer falar sem aterrorizar; o resultado, vocês logo verão: uma imagem irreal

[6] "Brecht et les classiques" (1957), in Michel Rybalka e Michel Contat, *Les Écrits de Sartre* (Paris, Gallimard, 1970), págs. 720-722.

e verdadeira, aérea, intangível e multicor, na qual as violências, os crimes, as loucuras e o desespero tornam-se objeto de uma contemplação calma, como aqueles monstros "pela arte imitados" de que fala Boileau. (...)

Mas Brecht não põe em cena nem mártires nem heróis — ou melhor, se ele conta a vida de uma nova Joana d'Arc, ela será uma criança de dez anos: não teremos ocasião de nos identificarmos a ela; ao contrário, o heroísmo, confinado na infância, parece-nos ainda mais inacessível. Isso porque não há redenção individual: é preciso que a Sociedade se transforme por inteiro; e a função do dramaturgo continua sendo aquela "purificação" de que falava Aristóteles; ele nos revela o que somos: vítimas e cúmplices ao mesmo tempo. É por isso que as peças de Brecht comovem. Mas nossa emoção é bem singular: um mal-estar perpétuo - uma vez que somos o espetáculo suspenso numa calma contemplativa, uma vez que somos os espectadores. Esse mal-estar não desaparece quando cai o pano; ao contrário, cresce, soma-se ao nosso mal-estar cotidiano, ignorado, vivenciado na má-fé, na fuga, vem iluminá-lo. A "purificação" atende hoje por outro nome: é a tomada de consciência. Mas não era também uma tomada de consciência – em outro tempo, com outro contexto social e ideológico – aquele calmo e severo mal-estar provocado no século XVII por *Bajazet* ou *Fedra* na alma de uma espectadora que descobria de chofre a inflexível lei das paixões humanas? É por isso que o teatro de Brecht, esse teatro shakespeariano da negação revolucionária, parece-me também – sem que seu autor alguma vez tenha concebido esse desígnio – uma extraordinária tentativa de reatar, no século XX, com a tradição clássica.

Roland Barthes, "As tarefas da crítica brechtiana" [7]

De resto, a própria obra fornece os elementos principais da ideologia brechtiana. Posso apenas assinalar os principais: o caráter histórico e não "natural" dos infortúnios humanos; o contágio espiritual da alienação econômica, cujo efeito último é o de cegar os oprimidos quanto às causas da servidão; o estatuto correctível da Natureza, a manejabilidade do mundo; a adequação necessária dos meios e das situações (numa sociedade pervertida, por exemplo, a justiça só pode ser restabelecida por um juiz trapaceiro); a transformação dos antigos "conflitos" psicológicos em contradições históricas, submetidas como tais ao poder corretivo dos homens.

E necessário precisar que essas verdades só são dadas como resultados de situações concretas, e essas situações são infinitamente plásticas. Contrariamente ao preconceito da direita, o teatro de Brecht não é um teatro de teses ou de propaganda. O que Brecht toma ao marxismo não são palavras de ordem ou uma articulação de argumentos, mas um método geral de explicação. Segue daí que os elementos marxistas surgem sempre recriados. No fundo, sua grandeza, sua solidão também, consiste em inventar o marxismo a cada instante. Em Brecht, o tema ideológico poderia ser definido muito exatamente como uma dinâmica de acontecimentos que mescla a constatação e a explicação, a ética e a política: conforme ao ensinamento profundo do marxismo, cada tema é ao mesmo tempo expressão de aspirações dos homens e do ser das coisas, ao mesmo tempo protesto (uma vez que desmascara) e reconciliação (uma vez que explica).

[7] "Les tâches de la critique brechtienne" (1956), in *Essais critiques* (Paris: Seuil, 1964), págs. 86-87.

Sugestões de leitura

A obra de Brecht está bastante traduzida no Brasil. O nível das traduções varia. O *Teatro completo* foi publicado pela Paz e Terra, em doze volumes. Para uma antologia dos escritos teóricos (há várias), ver *Estudos sobre teatro*, org. Siegfried Unseld (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978). O principal da poesia foi traduzido por Paulo César de Souza, *Poemas* (São Paulo: Brasiliense, 1986). Menos conhecidos, os romances são notáveis: *Os negócios do Senhor Júlio César* (São Paulo: Hemus, 1970) e *O romance dos três vinténs* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976). Faz muita falta uma tradução dos *Diálogos sobre a compra do latão*, onde se encontra a formulação mais complexa das posições estético-políticas do autor. Faz falta também a tradução do *Diário de trabalho* (1938-1955).

O teatro épico, de Anatol Rosenfeld, é uma introdução primorosa ao teatro moderno, com ponto de fuga na obra de Brecht, cujas razões sistematiza e explica (São Paulo: Perspectiva, 1985). As relações entre a teoria brechtiana e a experimentação do Teatro de Arena nos anos 6o foram examinadas no calor da hora pelo mesmo Rosenfeld, em "Heróis e coringas", in *O mito e o herói no teatro moderno brasileiro* (São Paulo: Perspectiva, 1982). Fernando Peixoto oferece uma apresentação geral: *Brecht, vida e obra* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991). *Trabalho de Brecht*, de José António Pasta Jr., discute as estratégias artísticas do autor em seu contexto contemporâneo (São Paulo: Ática, 1986). O *Brecht* de Gerd Bornheim (São Paulo: Graal, 1992) expõe com amplitude o itinerário e as idéias estéticas do dramaturgo. O percurso brasileiro do teatro épico foi sintetizado e analisado por Iná Camargo Costa, em *A hora do teatro épico no Brasil* (São Paulo: Graal, 1996). *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo* (São Paulo: Unesp, 1998), de Carlos Eduardo Jordão Machado, examina o entrelaçamento alemão de expressionismo e marxismo, de que Brecht fazia parte. Roberto Schwarz discute os "Altos e baixos da atualidade de Brecht", em *Seqüências brasileiras* (São Paulo: Cia. das Letras, 1999).

A bibliografia internacional alcançou números vertiginosos, que excluem uma sugestão de leitura passavelmente informada. Como introdução geral, pode-se ler John Willet, *O teatro de Brecht* (Rio de Janeiro: Zahar, 1977). Para uma informação completa, a monumental *Brecht Chronik 1898-1956*, de Werner Hecht (Frankfurt: Suhrkamp, 1997). A discussão da obra de Brecht deve os momentos altos – que são grandes momentos da crítica moderna – aos companheiros de geração. Ver especificamente os *Versuche über Brecht*, de Walter Benjamin; "Engagement", de T. W. Adorno, em *Noten zur Literatur III*; e, do mesmo autor, os momentos pertinentes da *Ästhetische Theorie*, a qual tem Brecht como uma referência central. O confronto entre Lukács, Bloch, Benjamin, Brecht e Adorno está documentado e discutido em *Aesthetics and politics*, org. Perry Anderson et al., prefácio de Fredric Jameson (Londres: New Left Books, 1977). Há um perfil do poeta traçado por Hannah Arendt, em *Homens em tempos sombrios* (São Paulo: Cia. das Letras, 1987). O romance de Peter Weiss, *Ästhetik des Widerstands*, ou *Estética da resistência* (Frankfurt: Suhrkamp, 1983), mostra Brecht em ação, no contexto da resistência antifascista.

Com o colapso da União Soviética, a obra brechtiana troca de pela mais uma vez. Para a retornada da discussão, ver Fredric Jameson, *O método Brecht* (Petrópolis: Vozes, 1999).